

# LULA E A RECONSTRUÇÃO DA AMÉRICA LATINA



**Em novo giro internacional, o ex-presidente é recebido como chefe de Estado pelo presidente da Argentina, Alberto Fernández, e é ovacionado por 250 mil pessoas na Plaza de Mayo**

Foto: Ricardo Stuckert

**focus**  
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 13 de Dezembro de 2021 Nº 40

Tata Amaral e a retomada da produção audiovisual  
O orçamento de 2022 e o risco de recessão econômica  
O PT salvou o Brasil e reduziu a vulnerabilidade fiscal  
"Construção": os 50 anos da obra de Chico Buarque

EXPOSIÇÃO VIRTUAL  
CENTENÁRIO  
Paulo Freire

**A EXPOSIÇÃO ESTÁ NO AR**

ACESSE EM: [fpabramo.org.br](http://fpabramo.org.br)

25 ANOS  
FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

Centro  
Sérgio  
Buarque  
de Holanda  
de Documentação e  
História Política

PAUTA  
BRASIL

**ASSISTA AO  
PROGRAMA  
PAUTA BRASIL**

SEGUNDAS, QUARTAS  
E SEXTAS-FEIRAS  
ÀS 17 HORAS

REALIZAÇÃO E TRANSMISSÃO  
FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores

Distribuição TV SAT

DCM Forth

SIGA O CANAL DA REVISTA

YouTube

focus  
BRASIL

Revista Focus Brasil  
191 inscritos

INSCREVA-SE

NO YOUTUBE

focus  
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

#### DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

#### CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

#### SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de

Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer),

Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Nilto Ignacio Tatto

(Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

#### CONTATOS

[webmaster@fpabramo.org.br](mailto:webmaster@fpabramo.org.br)

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

NESTA EDIÇÃO

# ESPERANÇA: LULA É SAUDADO NA ARGENTINA COMO CHEFE DE ESTADO

Em Buenos Aires, o ex-presidente é recebido com honras pelo governo de Alberto Fernández, ganha prêmio por atuação política e sai ovacionado por 250 mil pessoas na Plaza de Mayo

Página 12

Ricardo Stuckert



**ENTREVISTA.** Tata Amaral aborda a crise do setor de audio visual brasileiro

Página 6

**RAIVA.** O périplo de Lula no Sul causou desconforto e ira no Palácio do Planalto

Página 15

**LULA.** Luta em defesa dos direitos humanos é reconhecida pela Argentina

Página 16

**RETOMADA.** Pimenta diz que Lula mostra o caminho para a América Latina

Página 17

**RELAÇÕES.** Ex-presidente volta a mostrar ao mundo que outro Brasil é possível

Página 18

**ELEIÇÕES.** Novas pesquisas reforçam a liderança de Lula na preferência popular

Página 20

**DRAGÃO.** Até novembro, inflação acumulada já é a mais alta em 18 anos

Página 22

**PESSIMISMO.** Pesquisa mostra maioria do povo apavorada com economia

Página 23

**ORÇAMENTO.** Projeto que altera teto dos gastos não vai impedir recessão em 22

Página 24

**ECONOMIA.** PT mudou composição da dívida e reduziu vulnerabilidade

Página 26

**POLÍTICA.** Bohn Gass saúda projeto que cria federações partidárias para as eleições

Página 28

**MEMÓRIA.** AI-5 conferiu poder total aos militares e a Chacina da Lapa, em 76

Página 30

**CULTURA.** Juca Ferreira alerta para a política de ocupação do governo

Página 32



**MÚSICA.** 50 anos do disco "Construção", de Chico Buarque, o alvo do SNI

Página 34

**LITERATURA.** Dez livros para se preparar para 2022 – de crônicas a biografia

Página 36

**HOMENAGEM.** A morte de Sérgio Rubens, vice-presidente do PCdoB

Página 42



# O MUNDO CIVILIZADO ESCOLHEU LULA

**Aloizio Mercadante**

**A** passagem do ex-presidente Lula pela Argentina marca um ato histórico para a América Latina. O grito de guerra “Eeeee vamos a volver, a volver a volver. Vamos a volver!”, entoado por 250 mil pessoas que tomaram conta da Plaza de Mayo, na última sexta-feira, 10, expressa a força de um movimento que vem tomando conta de todo o mundo civilizado, que é a importância da liderança de Lula para o Brasil, para América Latina, para o planeta e para o futuro da humanidade.

A dimensão histórica desse ato, com a presença do ex-presidente Pepe Mujica, da ex-presidenta Cristina Kirchner e do presidente Alberto Fernández, remete ao legado dos governos progressistas na América Latina. Transcende ao tempo em que o nosso continente viveu o melhor momento de sua história, com respeito à soberania e à autodeterminação dos povos, mas também com integração regional e econômica e atuação em bloco na defesa de temas comuns para os nossos povos.

O meu sentimento, que é a impressão de alguém que acompanhou de perto essa passagem de Lula pela Argentina, mas que também viu ele ser recebido pelas principais líderes políticos da Europa, como o presidente francês Emmanuel Macron, o chanceler alemão Olaf Scholz e o presidente Pedro Sánchez, é de que há convergência sobre a necessidade de um novo modelo de governança global. E, neste caso,

## 250 MIL ARGENTINOS GRITARAM A PLENOS PULMÕES NA PLAZA DE MAYO O GRITO DOS EXCLUÍDOS: “VAMOS A VOLVER, VOLVER, VOLVER...”

Lula tem, reconhecidamente, um papel fundamental para repositonar a relação do Brasil e da América Latina com outras nações em outro patamar.

O primeiro grande tema que está na agenda do Concerto das Nações é a emergência climática, a redução da emissão de gases do efeito estufa e a preservação do meio ambiente, temas debatidos a fundo na COP26. O avanço nessa questão envolve as negociações sobre um fundo de US\$ 100 bilhões, prometidos pelas nações mais ricas para ajudar países em desenvolvimento contra o aquecimento global.

Outro tema de relevância é a transição digital, em um cenário no qual 90% das informações do mundo estão nos Estados Unidos e na China, e os desafios do impacto dessa mudança no mundo do trabalho. A falta de uma regulação

global e o uso, especialmente pela extrema direita, de estratégias de disseminação em massa de campanhas do ódio e de fake news têm gerado instabilidade nas democracias em todo o mundo.

Além disso, se coloca na agenda das nações a pauta do enfrentamento da desigualdade e de concentração de renda. Os 10% mais ricos possuem 76% do patrimônio do planeta. Esse número dá a medida do quanto o capitalismo financeirizado chegou ao limite e de que é preciso a implementação de novos modelos de desenvolvimento.

O avanço de todo o planeta nessas agendas depende desse novo modelo de governança global que mencionamos e o mundo civilizado e democrático escolheu Lula como um dos líderes globais desse processo, o que aumenta ainda mais a responsabilidade sobre o nosso projeto.

Lula é a única liderança brasileira recebida por chefes de Estado, como o presidente Macron, e aclamado pela militância, como ocorreu na Plaza de Mayo, apesar de toda a divergência histórica entre Brasil e Argentina antes da chegada dos governos progressistas nesses países.

Por isso, Lula é a ponte para a construção de um mundo mais generoso, mais solidário, mais comprometido com os valores dos direitos humanos, da cidadania e da preservação do meio ambiente, com mais justiça social e com uma cultura de paz. Como disseram nossos irmãos argentinos, em um grito que estará para sempre em meu coração, em nome dos excluídos: “Vamos a volver!” •



# O CINEMA PRECISA TAMBÉM SER GÊNERO FEMININO

“Não dá mais para aceitar que uma área inteira da produção cultural brasileira seja dominada por homens brancos, cis”, afirma a cineasta e produtora, responsável pela série *As Protagonistas*, que trata da atuação das mulheres na produção cinematográfica nacional. “Só falta dizer que tem de ser loiro e de olho azul”

Pedro Camarão e Bia Abramo

**A** produtora e cineasta Tata Amaral, nesta última entrevista da revista *Focus Brasil* de 2021, finalizou esta conversa sobre cinema, Brasil e política com um recado de esperança: “Espero que em 2022 a gente consiga se reconectar com toda a população, ouvir e falar. Trocar realmente. E que o cinema e o audiovisual prosperem na sua pluralidade, com a diversidade regional e de gênero que a nossa cultura e a nossa população têm, com toda a sua riqueza.”

Nascida em São Paulo, Tata Amaral hoje dirige a produtora Tangerina, cujo último lançamento em cinema foi o filme de sua sócia e filha Caru Alves de Souza, “Meu Nome é Bagdá”. Diretora de filmes como “Seqüestro Relâmpago”

(2018), “Trago Comigo” (2015), a última obra realizada por Tata foi a série documental “As Protagonistas” (2019), que conta a trajetória das mulheres no cinema brasileiro.

Militante do setor audiovisual desde os anos 1980, a cineasta destrinchou parte dos desacertos das políticas culturais do governo de Jair Bolsonaro e fez duras críticas ao modelo de acesso à cultura imposto pela mídia centralizada: “Ela precisa ser redemocratizada, gente, não tem jeito. Não adianta ficar chorando que a mídia não fala, se ela não reflete, não mostra a democratização que o cinema e o audiovisual estão buscando. Ou seja, a mídia corporativa não vai falar mesmo. É como a Justiça”.

**Focus Brasil – Qual sua opinião sobre a situação do audiovisual**

**brasileiro hoje? Wagner Moura afirma que o audiovisual brasileiro morreu.**

**Tata Amaral** – Houve uma paralisa da Ancine, que começou antes de 2018. A primeira coisa que é importante de dizer é que essa pluralidade diz respeito ao fundo setorial do audiovisual, que é a origem de boa parte do financiamento do audiovisual brasileiro. Esses recursos são importantes, oriundos do trabalho de fiscalização e do próprio setor. Cada vez que nós, produtores e cineastas, lançamos uma obra, pagamos uma taxa que vai pra esse fundo. A reivindicação é para que esse fundo, criado em 1992, financie a produção audiovisual. Foi por meio da Ancine que se regulamentaram mecanismos de distribuição desses recursos. A missão da Ancine, e do Estado

brasileiro portanto, era proteger a indústria audiovisual e fomentá-la. Ou seja, como o Estado é democrático, ele tem por missão corrigir as assimetrias. É fazer com que existam outros pólos de produção, para que ela seja plural e reflita a complexidade e a pluralidade da cultura brasileira.

O órgão regulador encomenda pesquisas para descobrir para onde o dinheiro está indo. Existe uma pesquisa, realizada pelo Instituto Gema, que descobriu que, dos filmes lançados comercialmente em 2015, salvo engano, apenas 19% foram roteirizados e dirigidos por mulheres. Em um país em que a maioria da população é de mulheres, é fácil perceber que existe alguma assimetria na distribuição dos recursos ou dos filmes que chegam a ser lançados comercialmente. Por isso, o papel do Estado democrático é corrigir essa assimetria, incentivando o financiamento e a produção de filmes de mulheres. Outra questão: desses 19% de filmes realizados por mulheres, nenhuma delas era negra. O Estado tem que incentivar a produção de mulheres negras através de uma série de mecanismos. Um deles, que começou a ser colocado em prática em 2016, eram as cotas regionais. Em 2016, quando eu falei de pluralidade, eu estava me referindo a isso e ao fato de que se começava a discutir a distribuição de recursos e a necessidade da correção dessas distorções. O Brasil é um país de dimensões continentais, de maioria negra e feminina. O audiovisual e qualquer outra atividade cultural precisam, no mínimo, tentar refletir essa condição.

#### **– A situação piorou depois do Golpe de 2016...**

– Esse é o movimento no qual estávamos e progredimos àquela época e, em 2017, ele começou a ser interrompido. Em 2018, hou-

ve alguns editais que voltaram a caminhar agora. Em 2019 e 2020, aconteceu uma semi-paralisação, com muitos poucos projetos já aprovados e com recursos liberados. E continua sendo muito difícil. Por outro lado, a própria Ancine que deve funcionar com quatro diretores, foi ficando sistematicamente desfalcada porque o governo federal não ratificava essas indicações. Em paralelo, se colocou uma questão para a Ancine:

## **O BRASIL É UM PAÍS DE DIMENSÕES CONTINENTAIS, DE MAIORIA NEGRA E FEMININA. O AUDIOVISUAL PRECISA TENTAR REFLETIR ESSA CONDIÇÃO**

a análise das contas dos projetos. Para todo projeto lançado, seja para qual meio de comunicação for, é preciso prestar contas. Todos nós prestamos contas, mas a Ancine não analisou essas contas. Teve início uma campanha, na minha opinião difamatória, que acusava os produtores de não prestarem contas. Isso não é verdade. Quem não presta contas fica inadimplente e não pode fazer nada novo. A Ancine passou a se dedicar a analisar essas contas, revendo projetos de 2002, 2006 e isso justificou a

paralisação de fomento a novos projetos, mas o dinheiro está lá. É um dinheiro “carimbado”, ou seja, não pode ser usado para outra coisa. Agora, parece que isso começou a andar. Eu mesma recebi recursos de um projeto “pequeniníssimo”, cujo contrato assinei em 2016 e que estou começando a produzir.

#### **– Na sua análise, existe um problema de financiamento, de aumento da burocracia e a questão ideológica?**

– Não. Não é o aumento da burocracia. O negócio é que a Ancine não analisou as nossas contas e ela resolveu parar a produção para analisar as contas dos últimos 20 anos. A regra já existia. Inclusive, foi aprovado no Congresso que a prestação de contas, como o Imposto de Renda, se daria por amostragem. Se você pega um projeto, no valor de R\$ 1 milhão, quantia pequena para cinema, a quantidade de notas fiscais é imensa, você precisa ter a Receita Federal inteira para analisar. Por essa razão, a ideia foi fazer por amostragem, mas isso foi revisado na nova gestão. O Congresso aprovou, mas o TCU questionou e a Ancine recuou e passou a pedir a prestação de contas de tudo, digitalizado. Uma exigência que nunca existiu.

#### **– E agora os financiamentos estão voltando ao normal?**

– Agora está andando um pouco. O comitê gestor e a diretoria da Ancine estão começando a rever as regras do fundo. Vai ter uma linha específica para jovens autores, vai ter outra linha obrigatória para regionalização. Esse movimento pela pluralidade do audiovisual brasileiro não foi em vão e parece que vai se discutir alguma retomada desses pontos. Não dá mais para aceitar que uma área inteira da produção cultural brasileira seja dominada por homens

brancos, cis [Cisgênero é o termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu “gênero de nascença”] – só falta dizer que tem de ser loiro e de olho azul.

**– Essa retomada é resultado da resistência do setor a todos os ataques do governo Bolsonaro?**

– Sem dúvida. O nosso setor, o audiovisual, tem uma tradição que remonta aos anos 1930. Em 1932, se reuniram, que eu saiba pela primeira vez. Tem textos lindos da Carmen Santos em defesa do nosso cinema, da nossa cultura. O setor do audiovisual, por mais que tenha estado em muitos períodos desorganizado ou desmobilizado, tem uma tradição centenária de organização e de luta pelo audiovisual brasileiro. Essa resistência ficou cada vez mais forte. Nós, produtores e produtoras, estamos aí e ninguém parou um segundo de militar. Então, realmente, é fruto desse amadurecimento.

**– Você é uma militante do setor há muito tempo, mas esse seu contato mais recente com tradição da militância e resistência do setor tem a ver com essa última série documental que você realizou sobre as mulheres no cinema [As Protagonistas]?**

– Foi meu último trabalho lançado, uma série de 13 episódios que conta a história do audiovisual brasileiro a partir da produção das cineastas mulheres. Partiu de uma noção que a gente tinha, principalmente a minha filha [Caru Alves de Souza, também produtora e diretora] e eu, mas muita gente também, de que a história que a gente conhece é distorcida porque só é contada, por incrível que pareça, através da produção dos homens. Quando você vai prestar vestibular para audiovisual, indicam textos de cineastas ou pesquisadores ho-

mens e indicam filmes de homens. É como se não existisse o gênero mulher. LGBT, preto e indígena então, apaga, esquece. Não tem. Foi justamente para provocar um novo pensamento sobre a historiografia do cinema que seja menos distorcida, que a gente encampou esse projeto chamado *As Protagonistas*, que começa em 1931 com a Cléo de Verberena, a primeira cineasta mulher, e vem até 2019. É bem panorâmico, claro, fomos

**POR MAIS QUE TENHA ESTADO DESORGANIZADO OU DESMOBILIZADO, O SETOR TEM UMA TRADIÇÃO CENTENÁRIA DE LUTA PELO AUDIOVISUAL**

milhares de mulheres ao longo da história. E é um olhar meu, no sentido de que qualquer outra pessoa teria um outro olhar. Uma das coisas que descobri, no processo de fazer a pesquisa e realizar a série, foi o fato de as mulheres terem sido fundamentais na história. A Carmen Santos, por exemplo, que era atriz e produtora, usava esse prestígio em seus discursos para discutir a situação do cinema. A Carmen não é muito reconhecida por isso, mas era uma pessoa do tipo “senhora do seu destino”:

escolhia as histórias, arrumava o dinheiro, montava a equipe, estúdio, ganhava dinheiro, comprava equipamento no exterior, voltava, produzia, brigava com o Severiano Ribeiro para quem ela pagava comissões percentuais horríveis para os produtores brasileiros. E ainda teve uma atuação na defesa do cinema nacional muito grande e assim foi ao longo da história de todas as mulheres realizadoras.

A responsável pela retomada do cinema brasileiro nas telas, pela reconciliação do público com o cinema brasileiro foi uma mulher: Carla Camuratti. A maior bilheteria dos anos 1990 foi de uma mulher: Tizuka Yamasaki. É uma história muito bonita e que precisa ser contada e incrementada.

**– E são as mulheres que fizeram os filmes e documentários dos anos 2000 que flagraram tanto o governo Lula quanto sua derrocada. Gostaria que você comentasse um pouco sobre isso.**

– A Ancine é de 2001 e a década de 2010 é super importante porque é o amadurecimento. A partir de 2012, 2013 tem a Lei da TV Paga que propõe três horas de programação nacional semanal em horário nobre. Isso já fez uma revolução. Essa revolução atingiu o cinema porque foi quando a gente compreendeu que não é cinema e televisão, mas que é audiovisual e que isso inclui games também. E, sim, tem filmes que foram muito marcantes. Essa década tem uma outra geração chegando para fazer filmes, a geração da Caru. É uma década que tem um movimento que ficou conhecido como Levante do Cinema Negro e, na verdade, é o Levante do Cinema Negra, porque foi protagonizado por jovens cineastas, que ainda não chegaram no longametragem, mas revolucionaram mesmo o audiovisual porque chegaram propondo novas narrativas,

outro jeito de contar as histórias. Uma das razões dessa renovação foi a política de cotas nas universidades. Em 2013 começa a se formar a primeira geração de cotistas na universidade, que estava brigando pelo seu lugar ao sol. Essa é a história fundamental para que a gente compreenda também essa renovação de hoje. Um dos filmes que mais contou para o grande público que as camadas sociais tinham se movimentado a partir dos governos do PT foi o filme “Que horas ela volta?” (Anna Muylaert, 2015). Esse filme é um achado, uma pérola por que expressa um fato supersimples: a condição de empregada doméstica não é hereditária. Aquela menina que vem para aquela casa morar com a mãe que é empregada doméstica não precisa dormir no quarto da empregada nem comer o sorvete mais barato. Simples assim. E pode usar a piscina já que ela é hóspede.

– **Gostaria que você comentasse um pouco a função social e política que o cinema tem no Brasil por abordar questões que a chamada grande mídia não toca.**

– A militância das atrizes de Hollywood foi super importante, pois propagou a ideia que o cinema é machista. Isso levou a própria academia a convidar cineastas de todos os países e mais mulheres. Aqui, com a Lei da TV Paga, uma das coisas que passou a acontecer foram os canais que exibem conteúdo 100% brasileiro, onde você pode ver programações como as do Canal Curta, do Canal Brasil, do Cine Brasil TV, que mostram a cultura brasileira num nível incrível. O audiovisual entrou na televisão através dessa lei de um jeito muito forte e muito bonito. Era o esperado. Tem que melhorar isso, não voltar para trás. A mídia precisa ser redemocratizada, não tem jeito. Não adianta ficar chorando que

a mídia não fala, se ela não reflete, não mostra a democratização que o cinema e o audiovisual estão buscando. Ou seja, a mídia corporativa não vai falar mesmo. É como a Justiça. Eu sou socialista, eu sei, o Estado é burguês e essas instituições estão lá para defender o Estado: o Judiciário, a imprensa etc. Se você não tem na luta de classes esse cabo de guerra, digamos, que às vezes você tem mais direitos e menos direitos, se a gente não faz isso com também com a

## QUANDO VOCÊ VAI PRESTAR VESTIBULAR PARA AUDIOVISUAL, INDICAM TEXTOS DE CINEASTAS OU PESQUISADORES HOMENS E FILMES DE HOMENS

mídia, ela não vai refletir mesmo. A mídia é de poucas famílias.

– **Nos anos 1970, a TV Globo, na ficção, absorveu gente que vinha do CPC, do teatro, do Cinema Novo. Existia uma leitura sobre o Brasil em algumas novelas, em minisséries e nos teleteatros que era muito interessante. Se a mídia tem de defender a democracia, no terreno dos costumes quem faz isso é a ficção. Como discutir o ocaso nos costumes do governo atual? Como a ficção vai**

**ser importante para o próximo esse período?**

– Acho que a ficção capta e traduz. Acho que sem dúvida vai [ser importante]. Agora, todo mundo precisa de estrada. Para chegar daqui até ali... Por exemplo, se você produz couve, para que ela chegue ao consumidor, tem que ter uma estrada. A gente precisa construir a democratização dos meios porque os caras se incrustaram lá. Não vai ser só com regras, com leis... Foi muito rápido. Existem cidades em que exposições são censuradas. Na dramaturgia é a mesma coisa. Não tenho dúvidas de que a dramaturgia independente já está produzindo. Daqui a dois anos, vamos ver mais resultados, mas já tem gente que está produzindo obras que estão respondendo ao fundamentalismo religioso e ideológico. O problema é que essas obras precisam chegar até a gente e para chegar precisa ter a estrada. Essa é a grande questão. O grande desafio do PT é elaborar respostas para a democratização dos meios e a democratização do acesso à cultura. Tem outra coisa muito importante. Quando se fala apenas em acesso à cultura, parece que eu produzo cultura e aquele que está lá não produz, que ele tem que ter acesso ao que eu faço. O acesso à cultura é reconhecer que aquele outro produz cultura também. Não é uma cultura menor. Funk não é uma cultura menor, é uma cultura à qual não tenho acesso e gostaria de ter. Assim como a Marília Mendonça. O acesso é de mão dupla.

– **A derrota de Bolsonaro não significa que o bolsonarismo vá acabar. O audiovisual é um campo nessa batalha contra a tentativa de reescrever o passado, reinterpretando presente e futuro?**

– Sim. O audiovisual é fundamental porque pode contar e também

expressar novas formas. Isso também não está descartado, uma revolução formal nas obras. A própria estrutura do herói, que funda muitas narrativas ficcionais no audiovisual, é uma estrutura burguesa: o herói que luta contra tudo... Não. Cadê as massas? No meu entender, a distopia é um instrumento do fundamentalismo de direita. Há anos nós estamos vendo que "olha, o mundo pode ser tão ruim", "olha, as mulheres vão ser massacradas", "as fontes de água estão acabando"... Quando chega num momento como este, as pessoas já estão meio conformadas. Acho que agora nós temos que ter utopia. A arte tem que produzir utopia, o direito de sonhar o que a gente quer.

– **Gostei dessa história da utopia versus distopia. Hoje, a gente vê até mesmo séries americanas, qualquer uma, tentando trabalhar um pouco da redescoberta da possibilidade afetiva. E isso é um horizonte utópico na pós-pandemia, de todo esse processo que estamos vivendo. Você percebe isso?**

– A gente tem que realmente se reconectar e a arte sem dúvida nenhuma vai servir para isso. Já está servindo. A grande possibilidade é falar disso, de troca, de afetos, de reconectar em todos os sentidos. Voltar a olhar, mas também pensar qual é o momento de você estar com alguém e quando não é o momento.

– **O filme "Meu Nome é Bagdá", da sua filha Caru Alves de Souza, fala sobre essa necessidade de que as conexões sejam refeitas. E é impossível refazer as conexões com sentimento de desesperança.**

– Exato. Senão você fica em casa deprimido no sofá, não sai, fica lá na internet ouvindo aquele conteúdo já viciado querendo te massacrar. O filme da Caru é muito legal

nesse sentido. Além de tudo, eu acho incrível o filme da minha filha, não tenho nenhum problema em falar que eu adoro. Pior seria se não gostasse. O filme fala mesmo muito de conexão afetiva, de possibilidades de conexão afetiva e também de como a união faz a força. Porque o que a distopia faz é separar. O que esse filme faz é dizer: "olha, a gente tem isso em comum. Então, a gente pode se reunir, se unir e enfrentar uma coisa que parecia atomizada", que é

**ACHO QUE AGORA  
NÓS TEMOS QUE  
TER UTOPIA. A  
ARTE TEM QUE  
PRODUZIR UTOPIA,  
O DIREITO DE  
SONHAR AQUILO  
O QUE A GENTE  
REALMENTE QUER**

o machismo na pista de skate. Se a gente está junto, se a gente se ama, se a gente está identificado, começa a existir a possibilidade de um enfrentamento daquilo que nos separava, que nos deixava atomizadas. Nesse sentido, apesar de ser um filme realista, está nesse campo da utopia porque ele aponta uma outra possibilidade na dramaturgia.

A dramaturgia clássica gosta de sacrificar heróis. Mesmo se você pensar em realismo socialista, que é a linguagem do comunismo pós-Stalin na União Soviética,

ele é capturado pela linguagem burguesa do herói, sempre herói individualista. Ele vai lutar contra tudo e todos, vai vencer ou não e ele pode ser sacrificado. O herói é aquele que miticamente é sacrificado, dedicado à deusa Hera. Ou seja, está aí para ser massacrado mesmo, em prol de uma coisa maior. Um filme com uma saída coletiva, do ponto de vista da estrutura, ele também é mais revolucionário. É importante dizer que o cinema norte-americano dos anos 1970 se refez, se fundou em cima do esquema, revisitado, da trajetória do herói proposta pelo [Joseph] Campbell e depois o [Christopher Vogler] refez o esquema narrativo para o cinema norte-americano. Quando a gente se dispõe a compreender outra forma de narrar, também estamos fazendo uma resistência ideológica ao cinema americano.

– **Diante de todo esse processo que vivemos na pandemia, com tudo o que a antecedeu também, o que você espera para 2022?**

– Espero que em 2022 a gente consiga se reconectar com toda a população, ouvir e falar. Trocar realmente. E que o cinema e o audiovisual prosperem na sua pluralidade. Com isso, me refiro a um audiovisual realmente regional, com a diversidade de gênero que a nossa cultura e a nossa população têm, com toda a sua riqueza. Que a gente compreenda que isso é uma riqueza e que o fundamentalismo que propõe um único tipo de obra, um único tipo de visão, um único tipo de cultura, que propõe rever a história de acordo com uma única visão, isso é restrição. Isso é pobreza. A gente não pode querer que a nossa riqueza seja usurpada, sufocada, que não brilhe. É o meu desejo para 2022 e que a gente chegue em 2023 com Lula na Presidência. •

# A VIDA PULSA NAS VEIAS DA AMÉRICA LATINA





## Convidado por Alberto Fernández, Lula celebra a democracia, defende unidade e a soberania dos povos das Américas e é saudado aos gritos de “va volver, Lula va a volver” por uma multidão de 250 mil argentinos reunidos na Plaza de Mayo

**O** ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva está acostumado às multidões. Desde os tempos das grandes mobilizações em São Bernardo do Campo, no final dos anos 70, sempre soube se dirigir às massas. Mas não conseguiu esconder a emoção na sexta-feira, 10, ao participar de um ato de celebração da volta da democracia na Argentina, convidado pelo presidente Alberto Fernández. Nada menos do que 250 mil argentinos se reuniram na Plaza de Mayo, no centro de Buenos Aires, para comemorar a volta da democracia e o Dia Internacional dos Direitos Humanos.

Ao se deparar com a multidão, que o saudava como se fosse Diego Maradona, Lula ficou visivelmente emocionado. A massa urrava, saudando-o no palco, onde desfilou junto com o presidente Alberto Fernández, a vice Cristina Kirchner e o ex-presidente do Uruguai Pepe Mujica. “Vamos a volver, vamos a

volver... Lula vai volver”, entoava a multidão, como se estivesse na Bombonera, o famoso estádio do Boca Juniors, onde Diego Maradona virou lenda...

Antes de Lula falar, Cristina Kirchner o saudou, lembrando que o povo argentino não se equivocava quando fazia tal previsão. “Eu sei que Deus e a Virgem Maria vão nos escutar para que Lula volte a ser presidente de Brasil. Não necessitamos nós, mas milhões de brasileiros e brasileiras que querem voltar a se sentir incluídos”, disse Cristina. “Olha, companheiro, cada vez que cantaram isso, não erraram”, brincou a vice-presidente da Argentina, arrancando risos de Lula, Mujica e Fernández.

Em sua vez de falar, com a voz embargada, Lula titubeou: “Do fundo do coração, quero agradecer a cada homem e a cada mulher da Argentina que prestaram solidariedade a mim quando fui preso no Brasil. Quero agradecer a cada sindicato, a cada mulher e a cada homem, a cada estudante, a cada companheiro dos par-

tidos políticos, a cada deputado e senador que prestou solidariedade, que foi para a rua fazer manifestação”.

Lula fez um agradecimento especial a Alberto Fernández, lembrando que, durante as eleições presidenciais na Argentina, há dois anos, ele o visitou na sede da Polícia Federal em Curitiba, onde permaneceu preso por 580 dias. “Ele teve coragem de ir na cadeia me visitar, mesmo eu pedindo para ele tomar cuidado, porque talvez não fosse prudente para um candidato. E Alberto disse: ‘Diga a Lula que vou visitá-lo com muito orgulho e que quero dar uma entrevista, depois que sair da prisão, para que todo o povo argentino saiba que, independentemente das eleições, eu sou humanista, defendo os direitos humanos e quero defender a liberdade do companheiro Lula, que está preso injustamente’”, lembrou.

Ele também lembrou que, quando governou, a América do Sul vivia um momento espe-

cial, com governos progressistas que transformaram o continente, como os de Cristina Kirchner, na Argentina, e Pepe Mujica, no Uruguai. “Esses companheiros progressistas, socialistas, humanistas, fizeram parte do melhor momento de democracia da nossa Pátria Grande, a nossa querida América Latina”, afirmou.

Lula fez um discurso caloroso e arrancou aplausos e gritos de apoio da multidão: “Nossa querida América do Sul viveu seu melhor período de 2000 a 2012, quando nós governamos democraticamente todos os países do continente, quando nós expulsamos a Alca e firmamos o Mercosul, criamos a Unasul e a Celac”, acrescentou. O ex-presidente lembrou que alguns desses governos foram submetidos a ataques duros e perseguições judiciais, como da Lava Jato no Brasil, que o condenou e prendeu injustamente e sem provas, e que, na Argentina até hoje persegue Cristina Kirchner.

“A democracia não é um pacto de silêncio”, disse Lula. “A democracia é a sociedade demonstrando a sua irreverência, a vontade de eleger e de tirar, de eleger e também participar. A democracia é o momento extraordinário em que nós nos manifestamos na construção de uma sociedade efetivamente justa, igualitária, humanista, fraterna, em que o ódio seja extirpado e o amor seja vencedor”, discursou.

Lula foi chamado a falar por Pepe Mujica, que lembrou da necessidade de os povos sempre trabalharem para preservar a democracia. “A democracia não é perfeita. Não pode ser perfeita porque os humanos não são. Mas, até agora, não encontramos um sistema melhor. Então, cuidem dela”, disse o ex-presidente, preso pela ditadura militar uruguaia por 14 anos e que se tornou presidente de seu país em

Fotos: Ricardo Stuckert



**SOLIDARIEDADE** Na Casa Rosada, Lula, Mercadante, Celso Amorim e Pepe Mujica estiveram com Fernández e o deputado argentino Eduardo Valdés

2010, tornando-se um dos líderes mais populares do mundo.

A própria Cristina lembrou à perseguição judicial a que foi submetida, vítima do lawfare, como Lula. “Dessa vez, não vieram com fardas militares, mas com togas e meios de comunicação para nos julgar primeiro na mídia e nos condenar depois na Justiça”, advertiu. “Não é mais necessário desaparecer com as pessoas, agora agem com tinta nos jornais e microfones nas tevês. Mas não importa, aqui estamos outra vez. Porque o povo sempre encontra o caminho para voltar”, disse.

O evento contou com apresentações musicais e a presença de militantes do movimento contra a ditadura Madres da Plaza de Mayo, incluindo Estella de Carlotto. “A democracia, essencial-

mente, é a liberdade, é sermos livres, é respeitar a diversidade. E hoje, com o rótulo de liberais, aparecem os conservadores, os xenófobos, os negacionistas. Diante disso, não podemos ficar em silêncio, de braços cruzados, nem nos esquecer de que, na Argentina, houve terrorismo de Estado que tirou a vida de milhares de pessoas”, disse.

Ele agradeceu a presença de Mujica e Lula, a quem dirigiu suas últimas palavras: “Quero agradecer você, meu querido Lula, que é um líder gigante. Sempre que um homem passar pelo que aconteceu com você, estarei ao lado deste homem. Porque ninguém merece a prisão injusta. Como estou do seu lado, Cristina, porque sei de sua inocência”. •

# BOLSONARO ISOLADO E IRRITADO

Enquanto Lula ganha fôlego com seu prestígio internacional, o presidente busca transformar seu país na meca dos negacionistas

Dário Pignotti | Página 12

**B**olsonaro está irremediavelmente isolado. Com Luiz Inácio Lula da Silva, Alberto Fernández e Cristina Fernández no palanque montado na Plaza de Mayo na sexta-feira, possivelmente o capitão-presidente e seus assessores do “gabinete do ódio”, grupo de funcionários dedicados à divulgação de fake news e propaganda negativa, assistiu à transmissão do acontecimento comemorativo do 38º aniversário da recuperação democrática na Argentina.

É impensável uma comemoração semelhante em Brasília, onde o regime se propõe a erradicar a palavra “golpe” dos livros didáticos para se referir à derrubada do presidente João Goulart em 31 de março de 1964, data que passou a ser comemorada como “revolução” pelo atual governo.

Apesar de não ser presidente em exercício, Lula foi recebido como se fosse. Reuniu-se com o chefe de Estado argentino e a vice-presidente, e se mostrou a dezenas de milhares de pessoas, exibindo uma popularidade “extraterritorial” da qual Bolsonaro não goza. Ele foi avisado que, se algum dia voltar a Buenos Aires, terá que enfrentar protestos como o realizado há um mês em Glasgow, na Escócia, durante a cúpula da COP26, onde uma manifestação de jovens o evocou com o grito de “genocida”.

Indagado por que o presidente não compareceu à conferência onde havia dezenas de dirigentes, o vice-presidente Hamilton

Evaristo Sá/AFP



**RAIVA EM BRASÍLIA** O presidente brasileiro não conseguiu esconder a irritação. Ele jamais manteve um encontro com o argentino Alberto Fernández

Mourão respondeu: “Porque iam recebê-lo com pedras”. O general expressou algo que reflete a preocupação do governo com a péssima imagem global do presidente, que praticamente não saiu do país desde que assumiu o cargo, há três anos, e quando o fez foi para visitar com frequência o ex-presidente Donald Trump.

O jornal O Globo publicou na quinta-feira, 9, matéria sobre o mau humor que prevalecia no Palácio do Planalto por conta da viagem do líder do PT a Buenos Aires. Bolsonaro está “muito irritado”, informou o site.

Presumivelmente mal-humorado, ou talvez fora de controle, o capitão aposentado cancelou a cúpula presidencial do Mercosul em 17 de dezembro. Seria seu primeiro encontro cara a cara com Alberto Fernández, a quem

insultou várias vezes desde julho de 2019, quando o então candidato à Presidência visitou Lula, na sede da Polícia Federal de Curitiba, onde ele cumpria pena armada do ex-juiz e agora candidato à presidência Sergio Moro.

À primeira vista, é incompreensível que Bolsonaro seja um dos poucos presidentes no mundo que se opõe tanto à vacina, quanto à máscara e ao certificado de imunização para estrangeiros, apesar do risco que isso acarreta após o surgimento da variante Omicron.

A verdade é que em sua corrida obsessiva para suceder Donald Trump como rockstar neofascista, ele sabota o passaporte de vacinação para fazer de seu país um destino turístico de negadores, uma espécie de meca da barbárie que pode projetar sua imagem entre os ultrasconservadores.

# PRÊMIO POR LUTA EM DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS

Lula e Mujica, além de outras personalidades da Argentina, são agraciados com honraria pelo governo argentino em homenagem a Azucena Villaflor

O presidente Alberto Fernández e a vice-presidenta Cristina Kirchner homenagearam Lula em reconhecimentos à luta em defesa dos direitos humanos. A menção honrosa ocorreu em Buenos Aires, na sexta-feira, foram entregues pelo governo argentino o Prêmio Azucena Villaflor a personalidades que lutaram contra a ditadura militar.

“O ex-presidente Lula é um homem de bem, que sempre lutou pela democracia e os direitos humanos e que foi perseguido e condenado injustamente”, disse Fernández. “A democracia e os direitos humanos são conceitos que andam de mãos dadas. A democracia tem a ver com o Estado de Direito e o Estado de Direito tem a ver com garantir as liberdades, a segurança a todos os cidadãos e a todos os cidadãos”.

O governo da Argentina entregou o prêmio que leva o nome de uma das fundadoras das Madres da Plaza de Mayo ela própria uma das vítimas do terrorismo de Estado da ditadura. Alberto Fernández saudou a todos os premiados

Ricardo Stuckert



**COM AS MADRES DE MAYO** Acompanhados de Paulo Pimenta e Aloizio Mercadante, Lula e Janja foram acolhidos por Estela Carlotto e Taty Almeida

pelo compromisso com a verdade e a justiça, em especial as Madres, pela coragem e pela luta incansável nos momentos mais difíceis vividos pelo país.

Fernández anunciou a assinatura de um acordo que estabelece a indisponibilidade do imóvel Campo de Mayo e aloca dois setores para formar um espaço de memória, reivindicado por sobreviventes da ditadura militar e organizações sociais da Argentina. Além de Lula, o ex-presidente do Uruguai Pepe Mujica também recebeu o prêmio.

Outras personalidades que receberam o prêmio em reconhecimento à sua luta pelos direitos humanos foram "Taty" Almeida, das Madres da Plaza de Mayo; o Prêmio Nobel da Paz, Adolfo Pérez Esquivel; Estela Barnes de Carlotto, das Abuelas de Plaza de Mayo, e o documentarista Pablo Torello.

“Quero agradecer esta distinção não menos do que Azucena

Villaflor, a sua luta, a sua memória”, disse Esquivel. “Estamos aqui para continuar a caminhar e não para baixar os braços. E creio que a presença de cada um de vós aqui reafirma isso”, disse. Ele lembrou que em um dia como hoje, 10 de dezembro, há 41 anos, foi agraciado com o Nobel da Paz. “Isso reafirma muitas coisas, que a democracia e os direitos humanos são valores indivisíveis”.

Taty Almeida também teve alguns minutos para expressar sua emoção e gratidão pelo reconhecimento concedido pela vice-presidenta Cristina Kirchner: “Hoje é um dia muito especial, o dia internacional dos direitos humanos e também temos que comemorar que temos 38 anos de democracia ininterrupta”.

Estela de Carlotto foi a última a falar: “Parece que 44 anos de luta tira o sentimento de emoção violenta que se tem ao receber este lindo presente que tanto simboliza”. •

# NA ARGENTINA, LULA MOSTRA O CAMINHO DA RETOMADA



Ricardo Stuckert

**UNIDADE POPULAR** Com Pepe Mujica, Alberto Fernández e Cristina Kirchner, Lula participou de ato na Plaza de Mayo

**O presidente sempre teve claro o papel estratégico e decisivo do Brasil para a possibilidade de uma mudança estrutural nas condições econômicas políticas e sociais da América do Sul, prejudicada secularmente pelas desigualdades sociais**

**Paulo Pimenta**

**A** viagem do presidente Lula à Argentina é um reencontro do maior líder popular da



América Latina com um povo que lhe ama e com quem ele tem relação histórica de afeto, admiração e parceria. Em 2002, quando venceu a eleição no Brasil, a Argentina foi o primeiro país visitado por Lula, antes mesmo de sua posse e da histórica viagem aos EUA, quando anunciou ao mundo que o Brasil iniciava uma nova etapa

da sua trajetória e de seu papel no cenário internacional.

O líder operário, metalúrgico brasileiro, nunca escondeu seu apreço pelo povo argentino. Sua paixão por tudo que faz, sua capacidade de emocionar e fazer do coração a bússola de sua conduta encanta Lula, que em certa medida se enxerga no povo vizinho. Sua admiração por Maradona, pelo Papa Francisco, Néstor e Cristina Kirchner pavimentaram os caminhos para essa sólida amizade com Alberto Fernández, reforçada pela coragem do atual presidente

argentino, que mesmo durante a duríssima campanha eleitoral que enfrentou, fez questão de visitar Lula em Curitiba (PR) em um dos momentos mais difíceis das injustiças patrocinadas por Sérgio Moro e a Lava Jato.

Lula sempre teve muito claro o papel estratégico e decisivo do Brasil para a possibilidade de uma mudança estrutural nas condições econômicas políticas e sociais da América do Sul. Em várias oportunidades, fez questão de ressaltar que nunca pensou um projeto de desenvolvimento e justiça social sem que os países vizinhos tivessem oportunidade de crescer junto, criar oportuni-

dades, distribuir renda e proporcionar políticas de inclusão das camadas mais humildes, há tantos séculos vítimas da desigualdade e da injustiça estrutural que marcou a formação econômica da América do Sul – portuguesa e espanhola.

Durante seu governo, em que pese os esforços no sentido de fortalecimento dos BRICS, da presença ativa no G8 e no G20, Lula dedicou um tempo precioso para o fortalecimento do Mercosul e da Unasul. A década em que Lula presidiu o Brasil, foi, sem dúvida, o período mais importante e transformador em toda a história do continente. Todos os estudos realizados revelam que foi nesta década que a desigualdade foi mais combatida na América do Sul, possibilitando políticas de inclusão, distribuição de renda e combate à fome.

Lula no Brasil, Kirchner na Argentina, Tabaré Vázquez e Mujica no Uruguai, Rafael Correa no Equador, Evo Morales na Bolívia, Lugo no Paraguai e Chávez na Venezuela possibilitaram um momento de afirmação de projetos nacionais e de rompimento da relação histórica de submissão aos interesses norte-americanos no Cone Sul. Este movimento provocou marcas profundas e irreversíveis, especialmente no sentimento de pertencimento, de soberania e de certeza de que os países sul-americanos, unidos, possam formar um bloco econômico e político capaz de mudar a realidade secular.

A presença de Lula na Argentina, o maior parceiro comercial do Brasil no Cone Sul, é, na realidade, um reencontro do líder brasileiro com seus compromissos com a América do Sul como um todo. O desejo de pensar um projeto de desenvolvimento para o Brasil, que seja também uma oportunidade de mudanças estruturais em toda a região e o

fortalecimento de parcerias econômicas e culturais.

O Brasil, como principal força econômica e política do continente, durante o governo de Bolsonaro, virou as costas para Argentina, para seus países vizinhos e aprofundou a subserviência aos interesses norte-americanos. No período mais crítico da pandemia, tratou com desprezo os irmãos sul-americanos, enquanto reafirmava, de forma permanente, sua sabujice e disposição de cumprir um papel de capitão do mato dos interesses dos EUA na região. Lula faz exatamente o contrário – abre os braços e reafirma de forma pública o seu entusiasmo em promover esse reencontro.

Lula foi recebido na Argentina como chefe de Estado, as manifestações de carinho de apreço e de afeto nos locais onde o líder circulou, permitem com que ele agradeça a solidariedade do povo argentino, principalmente dos trabalhadores e trabalhadoras, do governo de Alberto Fernández e Cristina Kirchner e de suas bancadas parlamentares, que sempre se manifestaram em sua defesa no período em que foi perseguido pela Lava Jato e por setores da mídia tradicional.

Após sua viagem para a Europa, onde demonstrou que o Brasil pode retomar seu espaço e protagonismo no cenário internacional, tão prejudicado a partir do golpe contra Dilma Rousseff e pela desastrosa gestão de Bolsonaro, a presença de Lula na Argentina tem por objetivo mostrar que o projeto pensado para o Brasil não é individual. O Brasil pós-Bolsonaro é pensado sob a ótica de fortalecimento regional e um intenso processo de mudanças estruturais na América do Sul. •

Jornalista, é deputado federal e presidente do PT do Rio Grande do Sul.



**DIÁLOGO** Na França, Lula foi recebido pelo presidente Emmanuel Macron no Palácio do Eliseu

## LULA: HORA DE REATAR LAÇOS COM OS PAÍSES

**N**o necessário processo de reconstrução do Brasil pós-Bolsonaro, uma importante tarefa do novo governo será restabelecer a relação de respeito, amizade e cooperação do país com o restante do mundo. Lula sabe da importância de mostrar ao resto do planeta que o Brasil é muito maior e melhor que o atual presidente.

E é, por isso, que sempre que pode, o ex-presidente viaja para conversar com líderes estrangeiros, como fez ao visitar o papa Francisco, em 2020, e, mais recentemente percorreu a Europa, encontrando-se com o presidente da França, Emmanuel Macron, e o novo chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, assim com o chefe do governo da Espanha, Pedro Sánchez. Em todos os lugares que visita, Lula é recebido como chefe de Estado.



**RESPEITO** Na Alemanha, Lula esteve reunido com Olaf Scholz, o atual chanceler, antes de ascender ao cargo ocupado antes por Angela Merkel. Na Espanha, ele esteve em Moncloa com o chefe de governo, Pedro Sánchez

Lula não é bem visto apenas por organizações sociais e partidos de esquerda no mundo. É percebido como um líder político que fez história e promoveu uma mudança profunda no Brasil em tempo de seu governo, retirando milhões de brasileiros da miséria e investindo pesadamente no combate à desigualdade como política de Estado.

Depois de seu périplo pela Europa, o ex-presidente foi saudado em editorial pelo jornal espanhol *El País* como “o social-democrata latino-americano”. A mídia estrangeira tem uma percepção mais profunda e entende o peso de Lula perante o mundo. “Sua candidatura à Presidência do Brasil é a alternativa para acabar com o populismo de extrema direita de Bolsonaro”, resume o diário.

Na visita à Argentina, Lula busca reatar os laços de amizade e respeito com o país-irmão e também com a América do Sul. Esta é também uma forma de Lula agradecer o apoio que recebeu do presidente Alberto Fernández, da vice-presidenta Cristina Kirchner e dos trabalhadores argentinos quando estava preso injustamente.

Graças a uma política externa “ativa e altiva”, que colocava à frente os interesses nacionais, mas sem nenhuma intenção de dominar ou explorar outros povos, Lula e Dilma estabeleceram em seus governos grande coo-

peração com diversas nações, mas com especial atenção aos países vizinhos. Dessa forma, os governos do PT aumentaram o número de parceiros comerciais, fazendo com que as exportações se diversificassem e triplicassem.

As nações sul-americanas se tornaram valiosas parceiras políticas e econômicas. O Mercosul foi expandido horizontalmente, transformando um projeto inicialmente comercial-tarifário em uma integração mais profunda no Cone Sul, que considerava vertentes sociais, articulação de cadeias produ-

vas, além de uma aproximação político-parlamentar e em defesa da democracia.

Com a Unasul, foi inaugurado um processo histórico de coordenação e de promoção de crescimento mais harmonioso em toda a América do Sul. Nela, o continente dialogou nas esferas da política, energia, infraestrutura, defesa, tecnologia, saúde e combate ao narcotráfico, o que revelava o desejo da região de enfrentar, de forma unida, os desafios da globalização e de transformar-se em pólo importante do mundo que se está hoje construindo.

Ataques semelhantes ao que promoveu o Golpe de 2016 contra Dilma Rousseff ocorreram também nas nações vizinhas, levando outros países, incluindo a Argentina, a também sofrerem com ataques e a ação desestabilizadora da extrema-direita. A cada dia, no entanto, a democracia retorna ao continente, com a volta de líderes progressistas ao poder.

É justamente para celebrar a democracia que Lula, Alberto Fernández e Cristina Kirchner se reuniram com o povo argentino na sexta-feira, 10, na emblemática Plaza de Mayo, palco da resistência do povo argentino à ditadura, que durou de 1976 a 1983. O ato também teve forte cunho cultural para marcar o Dia dos Direitos Humanos e os 38 do fim da ditadura militar na Argentina. •

## NA ESPANHA, A MÍDIA RESPEITA LULA. EM EDITORIAL, ‘EL PAÍS’ O SAUDOU COMO “O SOCIAL-DEMOCRATA LATINO AMERICANO”



Olimpio

## LULA SEGUE NA FRENTE

Pesquisas reforçam dianteira do líder petista, com Moro tirando votos de Bolsonaro e Ciro. Enquanto isso, reprovação do presidente da República continua em queda

**Matheus Tancredo Toledo**

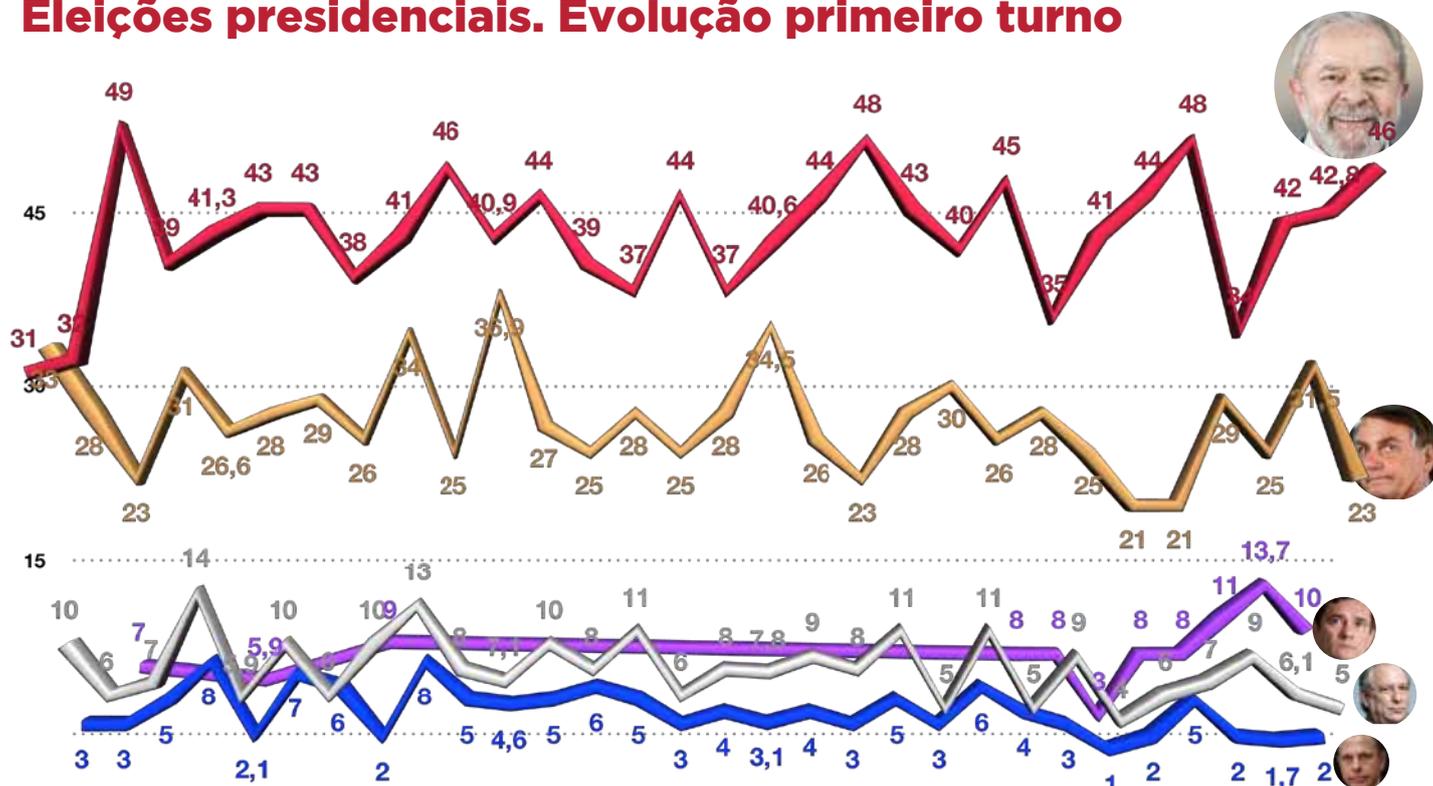
**D**ois levantamentos sobre a opinião pública nacional quanto ao processo sucessório mais recentes, feitos pelos institutos Quaest e PoderData, trazem uma ligeira diminuição na reprovação do governo do presidente Jair Bolsonaro e a dianteira do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva nos cenários eleitorais, além da compreensão dos brasileiros acerca dos problemas do

Brasil. Aqui, trazemos a análise do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo, sobre esses dados mais recentes.

Somente a Quaest divulgou, até o fechamento deste artigo, os dados sobre a intenção de voto. O instituto testou diversos cenários – com e sem a presença de Sergio Moro, com mais ou menos nomes. Em todos, o ex-presidente Lula (PT) segue com larga vantagem em todas as simulações de primeiro turno, com o mesmo patamar em todos – de 46% a 48%.

Isso indica que a entrada de Sérgio Moro (Podemos) não impactou na base eleitoral que Lula conquistou até o momento. O mesmo não se vê com presidente e outros candidatos. Bolsonaro perde de 3 a 4 pontos percentuais com a presença do ex-juiz na corrida presidencial e o governador João Doria (PSDB) perde outros 3 pontos percentuais. A entrada de Moro também reduz em cerca de 3 a 4 pontos percentuais os eleitores que declaram voto em branco, nulos ou indecisos.

## Eleições presidenciais. Evolução primeiro turno



Elaboração: Noppe/Fundação Perseu Abramo

No cenário mais completo, Lula chega a 46% dos votos, Bolsonaro a 23%, Moro tem 10%, João Dória (PSDB) possui 5% e Rodrigo Pacheco (PSD) e Felipe Dávila (Novo) aparecem com 1% cada.

Nos cenários de segundo turno, Lula venceria todos os candidatos por larga vantagem. Contra Bolsonaro, teria vantagem de 24 pontos, chegando a ostentar 55% contra 31% do candidato da extrema-direita. Contra Moro, o petista tem novamente o mesmo desempenho, com 24 pontos de dianteira – 53% a 29%. Contra Dória, Lula vai a 33 pontos – 54% a 21% – e, contra Moro, o petista tem novamente o mesmo desempenho, com 24 pontos de dianteira – 53% a 29%. Contra Dória, Lula vai a 33 pontos – 54% a 21% – e, contra Moro, o petista tem novamente o mesmo desempenho, com 24 pontos de dianteira – 53% a 29%.

### Bolsonaro

Segundo a Quaest, a reprovação ao governo Bolsonaro segue alta: 50%. É um pouco menor do que na rodada anterior, quando o índice chegou a 56%. A aprovação segue num patamar próximo a um quinto da população,

## NOVA PESQUISA QUAEST MOSTRA QUE NO PRIMEIRO E SEGUNDO TURNOS, LULA BATERIA TODOS OS ADVERSÁRIOS COM LARGA VANTAGEM

com 21% – no mês anterior eram 19%. Assim, houve um aumento da compreensão de que o governo é regular: 26%, segundo o levantamento atual. O PoderData também trouxe uma redução na reprovação, dentro da margem de erro, de 57% para 54%.

Ainda de acordo com o levantamento da Quaest, 70% da população compreende que a atuação de Bolsonaro no combate à inflação é negativa. Colabora para esse dado a percepção de que o principal problema do Brasil é a economia – para 41% da população. Destacam-se as menções ao desemprego (18%), crescimento econômico (14%) e inflação (9%).

Ainda, outros 11% afirmam que o principal problema do país é a fome e a miséria. Houve aumento da preocupação com a pandemia, possivelmente em razão da variante ômicron. Em novembro, 59% estavam muito preocupados e, em dezembro, são 62%. De acordo com o levantamento do Poderdata, somente 22% dos brasileiros afirmam que a vida melhorou no governo Bolsonaro – 37% afirmam que piorou e 37% que não mudou. •

Cientista político com mestrado na PUC-SP, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo.

# INFLAÇÃO ACUMULADA É A MAIS ALTA EM 18 ANOS

O país segue sem rumo e a política de Guedes mostra o resultado. Com economia em recessão, índice acumulado em 12 meses já se aproxima de 11%. Número oficial medido pelo IBGE é o maior para novembro em seis anos. Quem sofre são os pobres e os trabalhadores

O ministro da Economia, Paulo Guedes, jura que o país vai bem, mas a pressão inflacionária continua descontrolada, graças à política de dolarização dos preços da Petrobrás, instituída por Michel Temer e mantida por Jair Bolsonaro. Este é o fator decisivo do au-

mento da carestia no país.

Em novembro, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) variou 0,95%. É a maior taxa para o mês desde 2015. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o índice acumula alta de 9,26% no ano e de 10,74% em 12 meses. Guedes conseguiu um novo feito: o país tem a taxa

mais alta desde novembro de 2003, quando a inflação chegou a 11,02%.

A gasolina subiu 7,38% em novembro e acumula aumento de 50,78% em 12 meses. Ela é o grande vilão da inflação, contribuindo com quase metade do resultado: 0,46 ponto percentual. Os outros combustíveis também subiram. Etanol teve



**INSENSÍVEL** Ministro da Economia, Paulo Guedes continua a vender terreno na lua, prometendo crescimento econômico, mas a realidade o desmente

alta de 10,53% e 69,40%, em 12 meses. O óleo diesel subiu 7,48% e já acumula 49,56%. E o gás veicular, 4,30%. O grupo transportes subiu 3,35% em novembro.

A maior variação (3,35%) e o maior impacto (0,72 ponto percentual) vieram justamente do grupo transportes, que individualmente corresponde a 76% do IPCA do mês. Mas sete dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados tiveram alta em novembro.

Em habitação, o segundo maior impacto, os custos foram novamente pressionados pela energia elétrica (1,24%) e pela alta de 2,12% no gás de cozinha, que já subiu 38,88% nos últimos 12 meses. Desde setembro, permanece em vigor a bandeira tarifária da escassez hídrica, que acrescenta R\$ 14,20 na conta de luz a cada 100 kWh consumidos.

Pressionado pela queda do consumo, o grupo alimentação e bebidas registrou deflação (-0,04%). Segundo o IBGE, o

resultado deve-se ao custo da alimentação fora do domicílio (-0,25%), cujo resultado foi influenciado pelo subitem lanche (-3,37%). A refeição (1,10%), por sua vez, acelerou em relação ao mês anterior (0,74%).

“A Black Friday ajuda a explicar a queda tanto no lanche quanto nos itens de higiene pessoal”, aponta o gerente do IPCA, Pedro Kislanov. “Nós observamos várias promoções de lanches, principalmente nas redes de fast food no período”, acrescentou.

Calculado pelo IBGE desde 1979 para medir a inflação das famílias com rendimento de um a cinco salários mínimos – R\$ 1,1 mil a R\$ 5,5 mil –, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) variou 0,84%. O indicador, utilizado como referência em negociações salariais e no cálculo de benefícios do INSS, soma 9,36% no ano e 10,96% no acumulado em 12 meses. Todas as áreas pesquisadas registraram variações positivas em novembro. • **Agência PT**

## MAIORIA DOS BRASILEIROS É PESSIMISTA

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) divulgou na sexta-feira, 10, pesquisa em parceria com o Instituto FSB que revela que sete em cada dez brasileiros consideram a situação econômica do Brasil ruim ou péssima.

Para 80% dos entrevistados, essa é uma das piores crises econômicas que o país já enfrentou. Apenas 22% da população acreditam que, em comparação com os últimos 6 meses, a economia melhorou. Para 56%, ela piorou.

Para 73% dos pesquisados, a inflação aumentou muito (51%) ou um pouco (22%) nos últimos seis meses. Três em cada quatro brasileiros (75%) dizem que sua situação financeira foi afetada pelo aumento dos preços.

A maioria dos entrevistados acredita que a situação ainda deve piorar nos próximos seis meses. Para 29% dos brasileiros, a inflação ainda deva aumentar muito, e para 25% ela ainda vai subir um pouco.

Diante das dificuldades, 74% dos entrevistados tiveram de reduzir os gastos, percentual igual a maio de 2020. Entre os que afirmaram que diminuíram as despesas, 58% afirmam que a redução foi muito grande (20%) ou grande (38%). Os percentuais de redução de gastos são os maiores registrados pela pesquisa desde o início da pandemia: 18 pontos acima do segundo maior índice (40%), registrado em maio de 2020 e abril de 2021. •



# O ORÇAMENTO DE 2022 E A **CRISE ECONÔMICA**

A fadinha da confiança está com problemas. O atual ciclo de aumento da Selic já impacta negativamente a atividade econômica neste ano, mas seus efeitos serão maiores no ano que vem, podendo levar a economia nacional à recessão

**Bruno Moretti e Antônio  
Negromonte Nascimento Júnior**

Com o desfecho próximo para a PEC dos Precatórios, o cenário para o Orçamento de 2022 começa a ficar mais claro. Considerando um IPCA para 2021 em torno de 10%, é possível que a mudança da fórmula de cálculo do teto gere espaço adicional de R\$ 70 bilhões para o governo. Se o Congresso promulgar o subteto de precatórios, o Palácio do Planalto teria cerca de R\$ 115 bilhões adicionais ao previsto no projeto de lei do orçamento em 2022.

Tais valores seriam acrescidos às seguintes despesas: Auxílio Brasil (cerca de R\$ 50 bilhões), recomposição dos benefícios da seguridade social (R\$ 33 bilhões), desoneração da folha (R\$ 5 bilhões), atualização do piso de saúde (R\$ 6 bilhões) e outras despesas indexadas ao corretor do teto de gastos, remanescendo algum espaço para gastos discricionários adicionais. Entre elas, as emendas de relator, num valor de até R\$ 16 bilhões.

Segundo as projeções do Ministério da Economia, já computando os efeitos da PEC 23, a despesa primária deve ficar em 18,2% do PIB, uma queda de 8 pontos percentuais em relação às despesas em 2020 e de 1 ponto em comparação a 2021.

Ou seja, mesmo com a PEC 23, haverá redução da despesa primária como proporção do PIB. A diminuição do gasto deve ocorrer simultaneamente ao aperto monetário praticado pelo Banco Central, com forte subida de juros para conter a inflação. O atual ciclo de contração monetária, que já alcança 725 pontos base (pb), é o de

maior magnitude desde 2002.

Com a justificativa de trazer a inflação para as respectivas metas nos anos calendário de 2022 e 2023 e de influenciar as expectativas de longo prazo, a nota do Copom divulgada em dezembro, que anunciou o aumento da taxa Selic para 9,25% ao ano, indicou que este ciclo contracionista terá continuidade em 2022. Uma opção seria alargar o horizonte da meta, evitando que a subida de juros afete a economia.

O atual ciclo de aumento de juros já impacta negativamente a atividade econômica neste ano, mas seus efeitos serão maiores no ano que vem, podendo levar a economia nacional à recessão. O Banco Central independente parece esquecer que sua missão também é suavizar o ciclo econômico e fomentar o pleno emprego.

A combinação de política fiscal e monetária restritivas esvazia a capacidade estatal de responder à crise econômica e social em curso. O fato revela aspecto decisivo do projeto neoliberal, a saber, a rigidez de regras que regem o Estado, retirando-lhe capacidade de ação, sobretudo diante de uma crise, e subordinando-o à lógica do mercado.

Ainda que professe crenças liberais primitivas, a equipe econômica do governo procura, a seu modo, responder à deterioração da conjuntura. Para não estourar o teto, cria um teto móvel – por meio da mudança da fórmula de cálculo da Emenda Constitucional 95 na PEC 23 – e limita o pagamento de precatórios, abrindo espaço, especialmente, aos gastos sociais em ano eleitoral.

Toda esta “ginástica” serve para não rever de forma transparente o teto de gasto ou ao

menos retirar despesas do teto em função de seus efeitos redistributivos ou multiplicadores. Para além dos impactos macroeconômicos da regra, há de se examinar os efeitos sobre gastos específicos. Por exemplo, os R\$ 85 bilhões do programa de transferência de renda em 2022 ainda implicarão uma exclusão de cerca de 27 milhões de famílias que recebiam auxílio emergencial e não serão integradas ao Auxílio Brasil.

Por outro lado, os economistas convencionais alertam que a flexibilização fiscal poderá desancorar as expectativas dos agentes, subtraindo credibilidade da política econômica. A rigidez do arcabouço fiscal atenta contra a sua credibilidade, resultando em expedientes de fuga das regras que o próprio governo diz defender. Até a fada da confiança está desiludida com as mudanças casuísticas nas regras fiscais e faltará ao encontro com a economia brasileira.

Em 2021, em meio a uma inflação de dois dígitos, já vivemos uma recessão técnica, com queda do PIB no segundo e no terceiro trimestres. Para 2022, as projeções para a atividade econômica seguem se deteriorando, crescendo-se o risco de a atual gestão entregar o país com uma contração do PIB.

Assim como em outras áreas, os resultados das escolhas do governo no plano econômico são trágicos. A contração fiscal, somando-se ao aperto monetário, deverá ser decisiva na desaceleração da economia, mantendo-se elevados o desemprego e a capacidade ociosa.

A tarefa de reconstrução do país a partir de 2023 não será pequena. •

Economistas, são assessores do Senado Federal.

# COMO O PT SALVOU O BRASIL: MUDOU A COMPOSIÇÃO DA DÍVIDA E REDUZIU A VULNERABILIDADE FISCAL E CAMBIAL



Lula e Dilma modificaram o peso da Selic e da taxa de câmbio. Reconhecidamente fatores de instabilidade e vulnerabilidade fiscal e cambial, tais indexadores só proporcionavam lucros exorbitantes ao rentismo. E isso mudou radicalmente

**Eduardo Fagnani \*\***

**Gerson Gomes \*\***

**Guilherme Mello \*\*\***

**E**ste é o nono de uma série de artigos organizada para oferecer fatos e números que desconstruam as mentiras circulantes segundo as quais a política econômica do PT teria “quebrado o Brasil”. O diagnóstico ainda dominante na narração de fatos econômicos, celebra diversos “fracassos” – do “experimento

desenvolvimentista”; das “políticas de demanda”; da “nova matriz macroeconômica” e do “voluntarismo na distribuição da renda” – e traz de volta o receituário liberal, apresentado como se algum dia tivesse trazido alguma “solução” para os problemas brasileiros.

As mentiras que ainda circulam, construídas e repetidas a partir da falsificação de alegados ‘fatos econômicos’, inventam, divulgam e repetem o que é invariavelmente apresentado no noticiário e nas ‘análises’ econômicas como se fos-

sem desmandos da condução da política econômica do PT.

Nas edições anteriores de Focus Brasil, sublinhamos que um dos grandes legados dos governos petistas foi reduzir significativamente a vulnerabilidade externa da economia brasileira. A dívida externa bruta caiu de 41,2% do PIB (2002) para 12,07% PIB (2011). Além disso, as reservas cambiais passaram de US\$ 16,3 bilhões, em 2002, para US\$ 368,7 bilhões, em 2015.

E a dívida externa líquida – dí-

vida bruta menos reservas –, que era de 37% do PIB em 2002, deixou de existir a partir de 2007, quando o Brasil passou de país devedor a país credor em moedas estrangeiras – posição que o Brasil jamais tivera antes, em toda sua história econômica. Esse feito notável representa a superação de grave constrangimento estrutural que fragilizava ainda mais o país em todas as crises internacionais, quando o Brasil ficava sempre exposto à ação especulativa nos mercados financeiros.

Também foi demonstrado que a taxa Selic, que atingiu média anual de 33,6% no primeiro governo de FHC, caiu sistematicamente nos governos petistas. Entre 2011 e 2014, a taxa de juros básicos da economia brasileira não ultrapassou os 9,9% ao ano, em média.

A mudança na composição da dívida também contribuiu para reduzir a vulnerabilidade cambial e fiscal. Em outras palavras, os governos petistas modificaram significativamente o peso da Selic e da taxa de câmbio. Esses indexadores da dívida, reconhecidos fatores de instabilidade e vulnerabilidade fiscal e cambial, proporcionavam verdadeiro festival de lucros exorbitantes ao rentismo financeiro

interno e internacional durante o período 1995-2002.

O gráfico abaixo mostra que, com maior volume de reservas internacionais e taxas de juros reduzidas, foi possível praticamente zerar o peso dos títulos indexados ao câmbio no total. Em 2001, esses títulos chegaram a representar 29,5% da dívida brasileira.

Também foi possível reduzir a proporção de títulos indexados à Selic, de 61,8% (2002) para 17,2% (2014). Assim se fortaleceu a posição do governo central frente às pressões especulativas do mercado.

Em 2015, o aumento na participação relativa dos títulos indexados à Selic foi decorrência do golpe em curso, que forçou o retorno à ortodoxia – com aumento dos juros e da incerteza política – e levou à deterioração da economia brasileira. Nos governos Temer e Bolsonaro, essa participação relativa dos títulos indexados à Selic volta a crescer furiosamente. Em 2019 já voltara aos patamares de meados da década passada (43,6%).

Além de tudo isso, o Brasil, quando trocou a dívida brasileira em dólar por dívida em reais, re-

duziu efetivamente sua vulnerabilidade a fatores externos. Note-se que, entre 2002 e 2015, a dívida indexada ao câmbio caiu – de 32,6% para 5,1% do total. E a dívida atrelada ao real subiu, de 67,4% para 94,9% do total.

Portanto, também no caso desse indicador, não se sustenta a afirmação de que a “crise” que teria sido gerada pelos governos do PT teria sido “fundamentalmente crise de irresponsabilidade fiscal”, como o arbítrio mais delirante nunca se cansa de repetir. Mais uma vez, os dados demonstram que a narrativa dominante jamais teve em vista os interesses do Brasil e dos brasileiros; que só serviu aos interesses econômicos e políticos dos protagonistas da farsa que foi o impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016. •

\* Doutor em Economia pela Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho (CESIT-UNICAMP)

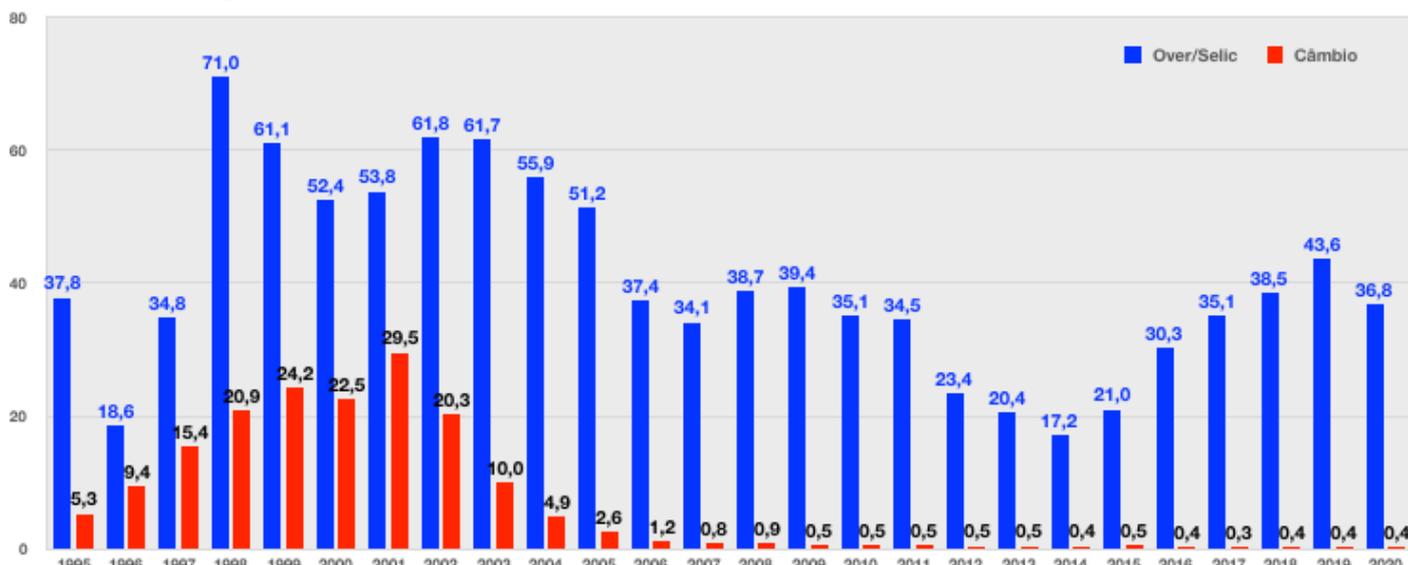
\*\* Membro do Conselho do Centro de Altos Estudos do Brasil para o Século 21.

Foi funcionário de carreira da FAO e da CEPAL e assessor econômico no Senado Federal e na Câmara dos Deputados

\*\*\* Professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica (CECON-UNICAMP)

## Títulos indexados ao câmbio e à Selic

Em porcentagem da dívida pública anual: 1995-2020



Fonte: Banco Central do Brasil. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. *Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira*. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, maio de 2021.



# FEDERAÇÃO PARTIDÁRIA: UNIDADE PARA MUDAR O BRASIL!

Devemos saudar a conquista de uma mudança estrutural da política brasileira, extremamente relevante aos interesses coletivos e que resultará no aperfeiçoamento da democracia

**E**m setembro, o Congresso Nacional derubou o veto do presidente Jair Bolsonaro às federações partidárias.



Foi uma vitória da democracia. As federações ajudam a superar algumas das principais distorções do nosso sistema eleitoral, em que uma plêiade de partidos funciona, na maioria dos casos, com base em fisiologismo. Com a federação, as agremiações devem seguir uma decisão coletiva e unitária, fortalecendo-as com projetos de país.

A bancada do PT na Câmara encaminhou o voto favorável à mudança, uma luta antiga, bem diferente do sistema de coligação que vigorava até hoje em nosso sistema político e eleitoral. Por que diferente das coligações tradicionais, as federações partidárias asseguram o pluralismo político, garantem um caráter mais nacional às legendas, valorizam as identidades entre os partidos e inibem o fisiologismo.

É preciso saudar a conquista de uma mudança estrutural da política brasileira extremamente relevante para os interesses coletivos e o aperfeiçoamento da democracia brasileira.

Nas próximas eleições nacionais, quando a sociedade brasileira deverá sepultar o projeto neoliberal bolsonarista, o PT terá a oportunidade de se unir a legendas com atuação e objetivos comuns. Uma união em torno de um programa único, que não pode ser desfeito após as eleições.

Ou seja, a federação se organizará para um período mínimo de uma legislatura de quatro anos, com critérios e compro-

missos. Com respeito do eleito e dos partidos ao programa defendido na campanha e ao eleitor que o chancelou nas urnas.

A dispersão partidária no Brasil – não é de hoje – é um grave

problema democrático. Dificulta a governabilidade, impede o eleitor de ter uma avaliação nítida de seus eleitos, favorece o personalismo e o clientelismo com pouca base programática ou transparência.

O problema não é exclusivamente o número de partidos – mais de 30 – mas seu completo descolamento de qualquer base programática ou identidade comum. Trata-se de uma proliferação de siglas de ocasião, em boa parte criadas exclusivamente para disputa eleitoral e, logo depois, desfazem-se de acordo com conveniências dos seus parlamentares ou governantes.

Uma organização partidária deste tipo, com uma composição de um Congresso com qua-

se 600 parlamentares – 513 na Câmara e 81 no Senado – torna impossível à cidadania um controle verdadeiro sobre a atividade dos seus representantes. Longe da fiscalização popular sobre a ação do partido, os parlamentares individuais sentem-se à vontade para negociar todo tipo de vantagem em troca de seu apoio. Este tem sido um “cupim” persistente a corroer a democracia brasileira.

Cada vez que tentamos reformar este sistema, nos deparamos com uma dupla resistência. Uma legítima, que defende a liberdade de organização de partidos com clara orientação ideológica, sejam partidos de esquerda ou de direita. Já a resistência ilegítima, e, diga-se, poderosa, origina-se justamente nos setores mais clientelistas da política brasileira, que buscam manter sua liberdade para fazer negócios escusos e alimentar a troca de favores que os sustenta.

A proposta da federação partidária mudou radicalmente esse cenário.

A luta política contra o atual governo genocida nos mostrou o valor da unidade popular. Juntos, somos maiores que a soma das partes. E o Brasil precisa desesperadamente desta unidade popular. Primeiro, e de forma mais urgente, para derrotar o terror e o atraso. E, em seguida, para ter a necessária força capaz de sustentar a reconstrução do Brasil.

A federação é uma importante novidade política que encontra uma esquerda amadurecida e pronta para pilotá-la. Vamos, juntos, mudar o Brasil, eleger Lula e uma poderosa bancada comprometida com essa mudança. A democracia e o futuro do Brasil exigem isto. •

**A LUTA POLÍTICA  
CONTRA O ATUAL  
GOVERNO NOS  
MOSTROU O VALOR  
DA UNIDADE  
POPULAR. JUNTOS,  
SOMOS MAIORES  
QUE A SOMA DAS  
PARTES**

16 de dezembro de 1926

## NASCE ZILAH WENDEL ABRAMO

Em 16 de dezembro de 1926, nasce Zilah Wendel Abramo, mulher que dedicaria sua vida aos ideais democráticos de justiça e liberdade. Formada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), participaria do movimento pela redemocratização do país, militando junto ao Comitê Brasileiro pela Anistia.

Zilah foi uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores (PT), nascido em 1980. Em 1996, integrou o grupo que deu continuidade aos estudos e propostas esboçados por Perseu Abramo para constituição da fundação que seria criada pelo partido.

Quando a Fundação Perseu Abramo foi instituída, Zilah foi indicada pelo Diretório Nacional do PT para compor a primeira diretoria, tendo exercido o cargo de vice-presidenta de 1996 a 2003 e de presidenta do Conselho Curador de 2003 a 2012, quando foi alçada a presidenta de honra dessa instância.

Zilah foi casada com Perseu Abramo. Sobre essa união, escreveu em "Teoria e Debate": "Pelo horóscopo chinês, nosso casamento não poderia durar. A serpente (Perseu), que é o símbolo da sabedoria e da prudência, não poderia conviver com o tigre (Zilah), impetuoso e imprevisível, que tanto pode se tornar um herói quanto um bandido". Contrariando a previsão, viveram juntos mais de 43 anos.

1. CONGRESSO EM RECESSO POR TEMPO INDETERMINADO
2. HABEAS-CORPUS SUSPENSO PARA DELITOS POLÍTICOS
3. PODER PARA CASSAR, DEMITIR, APOSENTAR E REMOVER

## ATO-5: OBJETIVO É MANTER REVOLUÇÃO

Ordem-do-dia na Escola Naval: - Aqui aprendemos lições de bom servir à Pátria



O Ministro Gama e Silva, da Justiça, anuncia as últimas horas de ontem o Ato Institucional nº 5, assinado pelo Presidente da República, assinado por todo o Ministério após reunião do Conselho de Segurança Nacional. São as seguintes as principais disposições contidas no documento, cujo objetivo anunciado é salvar a Revolução de



13 de dezembro de 1968

## AI-5 CONFERE PODER TOTAL AOS MILITARES

O ministro da Justiça, Luís Antônio da Gama e Silva, anuncia ao país o Ato Institucional nº 5 - uma lista de 12 artigos brutais que acaba com os resquícios do Estado de Direito e das liberdades democráticas no país. Pela noite, o general presidente Arthur da Costa e Silva passa a ter poderes para fechar o Congresso - o que fez imediatamente -, as Assembleias e as Câmaras Municipais, intervir nos governos estaduais e prefeituras e afastar ministros do Supremo Tribunal Federal - o que viria a fazer nas semanas seguintes.

Costa e Silva ganhou poderes para cassar mandatos e suspen-

der direitos políticos de qualquer cidadão, proibir qualquer pessoa de se manifestar sobre assuntos políticos e afastar servidores estáveis. Uma das mais graves medidas do AI5 suspende o direito a habeas corpus "nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular".

O AI-5 vigoraria por dez anos, período em que mais de 10 mil cidadãos foram presos, milhares torturados e pelo menos 390 assassinados. Cerca de 1.500 pessoas sofreram cassação e afastamento do serviço público e 950 filmes e peças foram proibidos.

### Outras datas históricas

**10/12/1949:** Nasce Nelson Frateschi, ex-militante e fundador do PT

**10/12/1989:** Último comício da campanha "Lula presidente", em São Paulo

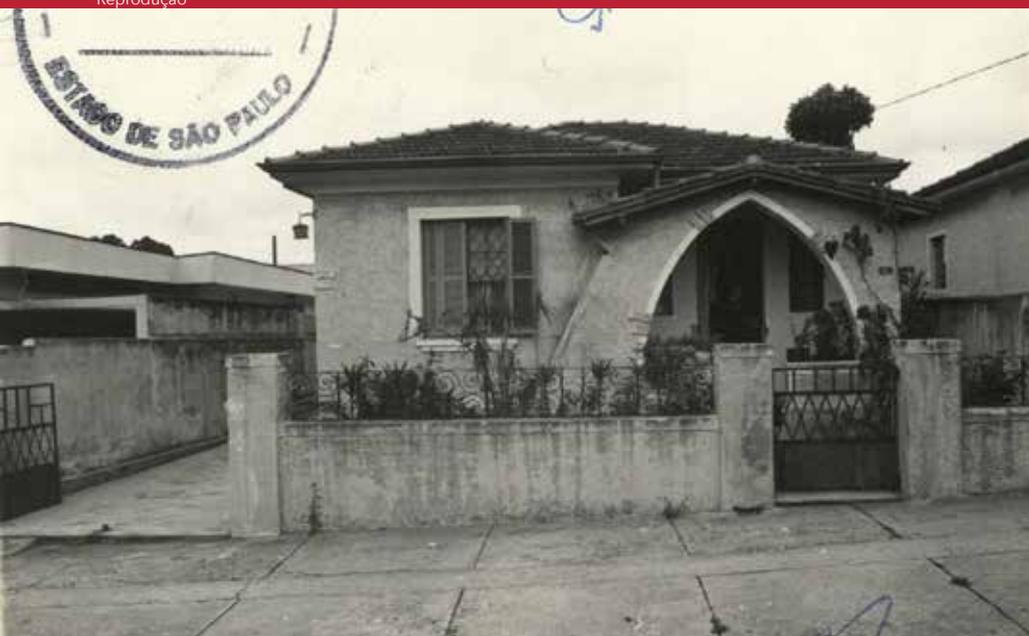
**10/12/2007:** Cristina Kirchner toma posse como presidenta da Argentina;

**15/12/1944:** Nasce Chico Mendes

*Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização.*

Envie suas sugestões por e-mail para [memoria@fpabramo.org.br](mailto:memoria@fpabramo.org.br)

Visite o [memorialdademocracia.com.br](http://memorialdademocracia.com.br)



16 de dezembro de 1976

## DITADURA COMANDA A CHACINA DA LAPA

Agentes do DOI-Codi e do Dops invadem uma casa no bairro da Lapa, em São Paulo, e assassinam a tiros de metralhadora dois dirigentes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB): Pedro Pomar e Ângelo Arroyo. Um terceiro, João Batista Franco Drummond, preso horas antes, foi torturado e morto na sede do DOI-Codi. Outros quatro líderes que haviam deixado a casa durante a madrugada foram seguidos, presos e torturados. Depois de matar 10 dos 29 dirigentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) entre 1974 e 1976, a ditadura liquidou na Lapa o comando do PCdoB. Na reunião da Lapa, a direção do partido fazia

um balanço da derrota da guerrilha do Araguaia, em 1974.

A chacina foi uma das últimas ações de extermínio executadas pela ditadura. Balanço da ação do DOI-Codi do 2º Exército informa que entre 1969 e 1977 foram presas na área 3.455 pessoas e 54 foram mortas. Os dados fazem parte de monografia preparada pelo coronel Freddie Perdigão para a Escola de Comando do Estado-Maior do Exército, em 1978. Ele foi um notório torturador e participou de ações terroristas até os anos 1980. Os agentes foram comandados pelo delegado Sérgio Fleury, o mais famoso torturador e assassino daquele período.

Dezembro de 1945

## PCB CRIA A PRIMEIRA LIGA CAMPONESA

É criada a Liga Camponesa de Dumont, distrito de Ribeirão Preto, São Paulo. É o primeiro movimento de trabalhadores rurais sob a in-

fluência do Partido Comunista do Brasil (PCB).

A liga de Dumont, como as demais que depois seriam criadas pelos comunistas, seguia a orientação do partido na organização, dentro da lei, das lutas dos trabalhadores rurais. Porém, mesmo tendo funcionamento legal, as li-

10 de dezembro de 1948

## ONU DECLARA OS DIREITOS HUMANOS

A Organização das Nações Unidas declara: “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos; são dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”.

Este é o artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada pela maioria dos países da ONU e proclamada em 10 de dezembro de 1948. De forma inédita, o documento estabelecia os direitos de todos os seres humanos do planeta e a necessidade de garantir sua proteção.

Os horrores da guerra, como os campos de extermínio, a matança sistemática de milhões de pessoas e as atrocidades contra homens, mulheres e crianças motivaram os países-membros da ONU a firmar um pacto para impedir que a humanidade passe novamente por brutalidades semelhantes. Foi assim que surgiu a Declaração Universal dos Direitos Humanos. O documento foi proclamado como uma carta de princípios a ser observada por todos os povos e nações do mundo.

gas foram duramente perseguidas pela polícia e pelos fazendeiros.

Naquele momento, o PCB desfrutava da legalidade, que duraria apenas até 1947. Criou as ligas em áreas de conflito agrário, reunindo trabalhadores rurais com ações voltadas para resolver as necessidades imediatas dos associados.



# A DESTRUIÇÃO DA CULTURA

# A estratégia de cerco e aniquilamento em curso no Brasil só é posta em prática quando os comandantes das forças de ocupação desejam atingir o cenário de terra arrasada

Juca Ferreira

**U**ma das estratégias usadas pelos militares na guerra é a que os especialistas chamam de cerco e aniquilamento. Como o nome já anuncia, essa estratégia é usada quando a missão é destruir os inimigos, não deixar pedra sobre pedra no território.

Para chegar a esse objetivo final cercam, enfraquecem, acoossam, perseguem, machucam e atormentam até o aniquilamento total.

É essa estratégia que está sendo posta em prática pelo atual governo em sua relação com a cultura brasileira.

Bolsonaro e os que apoiam o governo abertamente, ou desde as sombras, querem “passar a cultura brasileira a limpo”, como se toda a dimensão simbólica do país fosse uma mancha a ser removida com uma água sanitária ideológica, com mecanismos de censura, perseguição e asfixia financeira.

Todo o setor cultural já sente os efeitos dessa belicosidade. Uma tragédia, em meio à barbárie geral que estão tentando implantar no país.

A extinção do ministério da cultura, a tentativa de substituir o IPHAN por uma superintendência, o escárnio na Palmares, o esvaziamento de todas as instituições culturais, o etnocentrismo doentio em relação aos povos in-



dígenas, a suspensão ou esvaziamento das políticas culturais, dos serviços e mecanismos de financiamento, estímulo e apoio à produção cultural, as tentativas de perseguição e censura, o escárnio e a sistemática banalização do mal etc...

A estratégia de cerco e aniquilamento só é posta em prática quando os comandantes das forças de ocupação desejam atingir o cenário de terra arrasada. E, em geral, a destruição é acompanhada de uma alternativa para ocupar o terreno alvo da destruição. O problema é que o projeto neoliberal/autoritário de direita não tem o

que por no lugar da nossa música, do nosso cinema, das artes cênicas, das manifestações culturais tradicionais, da nossa literatura, da nossa dança e de toda a rica e complexa diversidade cultural brasileira.

A ignorância, a mediocridade, a burrice e o vazio distópico está dando as cartas no Brasil, mas não são capazes de produzir um projeto de nação, de propor um futuro, de produzir uma outra cultura.

O resultado é destruição, demolição, desconstrução, tristeza, pessimismo e desalento.

Quem poderá herdar esse cenário, caso ele permaneça por mais tempo, é a indústria cultural globalizada e suas megaempresas supranacionais. Somos um grande mercado cultural, temos talento de sobra, criatividade e uma certa infraestrutura cultural instalada.

E já começa a se desenhar um cenário - no cinema por exemplo- de transformar nossos artistas, técnicos e toda a infraestrutura construída com muito sacrifício pelo setor, por décadas, com o apoio dos nossos governos, em meros prestadores de serviços para a indústria cultural globalizada.

Nossa soberania como nação, nosso futuro como povo, nossa singularidade e grandeza cultural está ameaçada.

A guerra cultural não é um capítulo à parte da tragédia que estamos vivendo. É a mãe de todas as batalhas! •

Ex-ministro da Cultura nos governos de Lula e Dilma.

**BOLSONARO E OS QUE APOIAM O GOVERNO ABERTAMENTE OU NAS SOMBRAS QUEREM “PASSAR A CULTURA BRASILEIRA A LIMPO”**

MÚSICA

Olimpio

# 50 ANOS CONSTRUÇÃO

# A obra-prima da MPB retrata um dos períodos mais duros da história do Brasil. E, entre a denúncia, a ironia e o amor, as canções de Chico Buarque de Hollanda continuam um marco da cultura nacional, soando mais atuais do que nunca. O cantor e compositor ficou sendo monitorado de perto pelo SNI

Olímpio Cruz Neto

**E**m dezembro de 1971, chegava às lojas de discos do país o álbum *Construção*, um dos mais bonitos e comoventes retratos dos anos de chumbo e um marco da Música Popular Brasileira. É, provavelmente, um dos discos mais importantes de todos os tempos. Chico tinha acabado de regressar do exílio, tinha 26 anos e trazia um estado de espírito inquieto e cada vez mais preocupado com seu tempo e as dores do povo brasileiro.

Com pouco mais de meia hora de duração, a obra traz uma visão lírica e urgente daquele tempo, mas soa tão atual que parece ter sido feito nesses tempos de pandemia, dor e escuridão. *Construção* traz algumas das mais belas e importantes canções da música brasileira, como a própria faixa-título, "Cotidiano", "Desalento", "Acalanto" e "Samba de Orly".

É um disco tão importante e vital que soa moderno mesmo depois de cinco décadas. Chico relata as dores das gentes, os abusos do capitalismo, a negatividade das nossas classes dirigentes, ao mesmo tempo que embala o amor, trata do exílio, do homem comum, Jesus e da vida dura. Tudo isso com uma visão lírica, poética e profundamente emocional.

"Chico já sabia o que fazer, o que dizer e esse álbum é prova disso. É genial e inesquecível, tanto que estamos aqui falando dele", comentou Miltoninho, do MPB4, em entrevista à BBC. É um álbum que é o testemunho daqueles tempos

sombrios em que o país estava sob o comando do General Emílio Garrastazu Médici. O período mais barra-pesada da ditadura.

A obra é uma coleção de crônicas, com algumas das canções mais importantes de toda a carreira do cantor e compositor, com arranjos primorosos, divididos entre Magro, do MPB4, e Rogério Duprat, o mais importante maestro do século 20. Ainda conta direção de Roberto Menescal, o piano de Tom Jobim, a percussão do Trio Mocotó e o violão de Toquinho em "Samba de Orly".

Ao tempo em que o disco abre com a doce e perigosa ironia ao falar dos militares no poder – "*Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir/ A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir/ Por me deixar respirar, por me deixar existir/ Deus lhe pague*" –, Chico vai pulando de maneira imaginativa entre metáforas e frases hipnóticas – "*grito demente*", "*rangido dos dentes*"... Em seguida, conduz o ouvinte por duas canções sublimes – "Cotidiano" e "Desalento" – até chegar a "Construção".

É de Duprat o desconcertante arranjo da faixa, com poderosos metais e uma orquestra sinfônica

que sublinha toda a melodia, passando das cordas suaves do início, dialogando com a voz delicada e frágil de Chico, entremeada pela percussão que vai enredando o ouvinte, com a letra forte carregada de imagens poderosas, até desembocar no ápice, com intervenções fortes e estridentes depois que o herói despenca do andaime e morre na contramão – "atrapalhando o tráfego".

Neste momento, a canção ganha um tom catártico no arranjo de Duprat e explode, em um caos sonoro e labiríntico. Na visão deste escriba, é uma canção revolucionária e absolutamente grandiosa, uma gema que mostra toda a maestria do compositor, escritor e cronista. Chico é um gênio e é esta faixa que mostra tudo isso. O arranjo retoma "Deus lhe pague" e deixa o ouvinte atordoado.

O próprio Duprat conta, em entrevista a Fernando Rosa e a Alexandre Matias, para a revista *Bizz*, em 1999, como se deu o desenho do arranjo: "Eu já tinha ouvido 'Construção', não sei se em show. Interessante, é uma brincadeira com proparoxítonas. Então, na hora que me mandaram avisar, eu fui direto lá, ouvir, estavam ensaiando no Canecão – aí, tudo bem. Eu ouvi e pedi, 'então me arrumem uma fita, eu vou trabalhar'. Tinham pressa. Tinha o negócio de prensa, já estavam começando a gravação. Aí, eu fui para a casa do meu irmão que morava no Rio e escrevi a coisa, porque eu não podia ficar no Rio, tinha que voltar para São Paulo".

Chico disse, em entrevista à hoje extinta revista *Status*, em



CONFIDENCIAL

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES  
AGÊNCIA BRASÍLIA

INFORMAÇÃO N.º \_\_\_\_\_ / ABS/SNI/19 72  
683 / 19

Data: - 10 OUT 1972

Assunto: - "SHOW" DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA

Referência: -

Difusão: - AC/SNI

50841

AGÊNCIA BRASÍLIA  
022111 110072  
PROTOCOLO

1 - O Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia do Centro Universitário de Brasília (CEUB) promoveu, na noite de 23 Set 72, no Clube dos Funcionários de Brasília, uma apresentação do cantor e compositor CHICO BUARQUE DE HOLANDA, que se fez acompanhar pelo conjunto musical MPE-4.

2 - Durante o "show", com a duração de 2 horas e 30 minutos, CHICO BUARQUE dirigiu-se várias vezes à assistência, cerca de mil espectadores, sendo registrado os seguintes principais tópicos:

a - "Eu acabei de receber uma esculhambação de uma garota que me disse que todos os estudantes aqui presentes, são que nem propriedades ausentes .... papo furado". (risos e assobios da plateia).

b - Referindo-se a determinada canção disse - "Não vou cantar, porque eu não quero ser preso" (vaias da plateia). "Em segundo lugar, eu estou absolutamente proibido de cantar esta música, não posso cantar. Eu acho que ninguém deve me confundir, eu gostaria imensamente de cantar, gostaria imensamente que alguém como vocês me ouvissem, mas não posso, não quero ser preso. Por isso, eu estou me guardando, estou me guardando, para um lugar próprio". Logo em seguida cantou "QUANDO O CARNAVAL CHEGAR".

c - Ao começar a cantar o samba "VOU ME DIGNAR A CHEGAR", criticou a censura - "Este samba foi considerado pela Censura como uma ofensa ao povo brasileiro" (vaias da plateia pelo ato da Censura). "Então, esse samba que é composto de linguagem do povo, foi considerado um samba ultrajante ao povo, por

58/16  
1 - Ciente  
2 - Dado ao fich  
3 - A 55/19 e Arje  
16/OUT/72  
5519  
1 - Dado ao fichario  
2 - A 55/19  
13OUT72

CONFIDENCIAL

-continua-

Departamento de Imprensa Nacional

Reprodução/Arquivo Nacional

que no Arquivo Nacional – um arsenal de 2.075 registros distribuídos em dezenas de milhares de páginas em arquivos digitais – mostra que o cantor e compositor já vinha sendo monitorado e tendo “problemas” por conta das letras já em 1968. Mas ele caiu no radar do regime e permaneceu lá até o fim da ditadura, já em meados dos anos 80.

Qualquer entrevista a veículos, principalmente estrangeiros ou “alternativos” merecia resenhas e relatórios. Shows de Chico pelo Brasil ou em países vizinhos, como a Argentina, rendiam relatórios e inúmeros comentários de arapongas e funcionários da “comunidade” do famigerado Serviço Nacional de Informações (SNI). Toda viagem dele era acompanhada de perto, principalmente quando incluía visita às universidades.

O Informe 638/19/ABS/SNI/1972, produzido pela Agência Brasília do SNI, disponível no Arquivo Nacional, mostra o show de Chico no Ceub, faculdade privada de Brasília, em 23 de setembro de 1972. Classificado como confidencial, e contendo nove páginas, o relatório produzido em 10 de outubro de 1972, trata do show de Chico produzido pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia do Ceub, no Clube dos Funcionários de Brasília.

*“Durante o show, com a duração de 2 horas e 30 minutos, Chico Buarque dirigiu-se várias vezes à assistência, cerca de mil espectadores, sendo registrado os seguintes principais tópicos: (...) b) referindo-se a determinada canção, disse: ‘Não vou cantar, porque eu não quero ser preso’ (vaias da plateia). ‘Em segundo lugar, eu estou proibido de cantar esta música, não posso cantar. Eu acho que ninguém deve me confundir, eu gostaria imensamente de cantar, gostaria imensamente de alguém como vocês me ouvissem, mas não posso. Não quero ser preso. Por*

**MONITORADO** Relatório do SNI sobre show de Chico em Brasília, em 1972, cita os comentários do cantor nas apresentações e as reações da plateia

1973, sobre o processo de criação. “Em ‘Construção’, a emoção estava no jogo de palavras. Agora, se você coloca um ser humano dentro de um jogo de palavras, como se fosse um tijolo, acaba mexendo com a emoção das pessoas. Mas há diferença entre fazer a coisa com intenção ou – no meu caso – fazer sem a preocupação do significado”, disse. O álbum catapultou a carreira de Chico e o levou ao estrelato, sendo um disco com vendas inacreditáveis para a época – 140 mil cópias.

O regime também passou a ver o compositor como perigoso e subversivo. Seus problemas com a censura já existiam, mas

passaram a outro patamar, até porque os militares parecem não ter percebido a força da faixa-título ou de “Deus lhe pague”, implicando mais com “Condão”, que teve sua letra alterada para ser liberada – Chico substituiu o verso “Nas grades do coração” por “As portas do coração”.

“Samba de Orly” também foi mutilada. Composta em parceria com Toquinho e Vinícius, os versos de Vinícius, adicionados quando a letra já estava praticamente pronta, foram censurados – “Pela omissão” deu lugar a “Pela duração” e “Um tanto forçada” foi substituída por “Dessa temporada”.

O dossiê sobre Chico Buar-

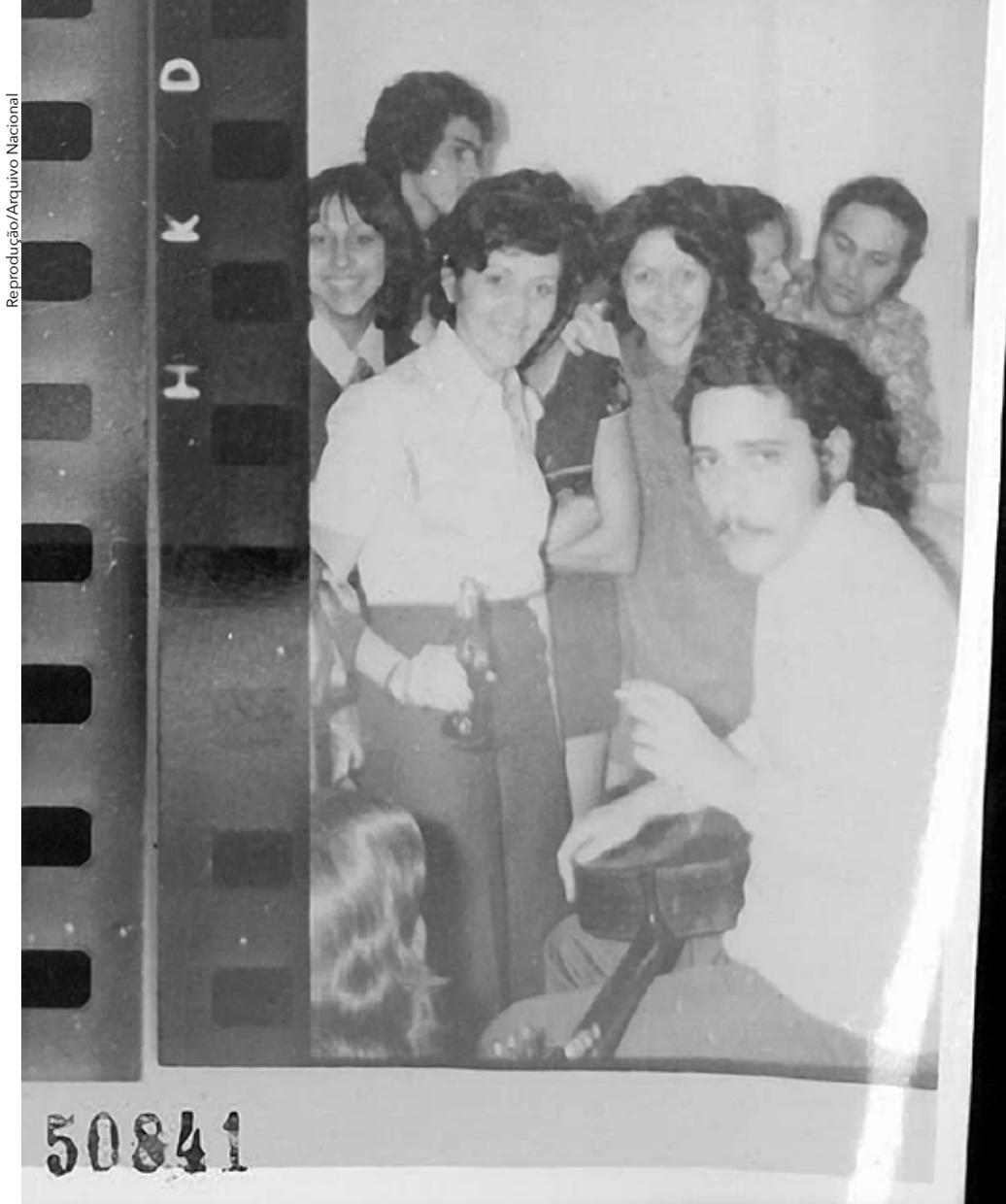
isso eu estou me guardando, estou me guardando para um lugar próprio'. Logo em seguida, cantou 'Quando o carnaval chegar'".

Ainda de acordo com o Informe 638, Chico fez troça com o ambiente político brasileiro em um determinado momento do show: "Agora a gente queria fazer um comercialzinho de um produto novo" – o conjunto MPB-4 entoava o estribilho 'lá-lá-lá-lá lá-lá-lá-lá', da propaganda do governo feita pela televisão, da qual crianças dizem que estão trabalhando e estudando pelo Brasil. 'E agora o mais recente lançamento da indústria nacional: DEDOL, o endurecedor instantâneo de dedo. DEDOL DE-DOL, é só tomar e apontar. DEDOL mantém o seu dedo duro por mais horas. DEDOL, duas gotas, dois minutos, dois dedos duros e eficientes. DEDOL pode ser encontrado nas boas lojas do ramo, entrega-se também a domicílio".

Por fim, o relatório lembra que "o presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia do Ceub, responsável pela exibição de Chico Buarque, é o estudante Miquixara Cunha, elemento de tendências esquerdistas, ligado a Honestino Monteiro Guimarães, e conhecido na panfletagem subversiva (Infão 1012/ ABS/SNI/72)".

A referência é clara e direta ao líder estudantil Honestino Guimarães, estudante de Geologia da UnB, presidente da Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília, preso por quatro vezes pelo regime militar. Depois de sua quarta prisão, em 1973, nunca mais foi visto. Seu atestado de óbito só foi entregue à família em 1996, e ainda assim incompleto. No documento, não consta a causa da morte. Foi anistiado em 20 de setembro de 2013 pelo governo Dilma.

O episódio mostra bem os riscos que Chico Buarque corria em suas apresentações pelo Brasil. Eram riscos sobretudo físicos.



**DE PERTO** Arapongas do SNI fotografavam as apresentações e detalhavam em relatório tudo o que acontecia, como no show do cantor em Brasília, em 1972

Mas há dezenas de outros, como o ocorrido em 14 de setembro de 1974. O cantor e compositor se apresentou no Teatro Glauce Rocha, em Campo Grande (MS). No documento Informação 2075/S-102-A4-CIE, classificado como "Confidencial" e encaminhado ao gabinete do ministro do Exército em 29 de novembro de 1974, o araponga reporta: "Chico Buarque de Holanda, acompanhado pelo conjunto MPB/4, interpretou inúmeras composições musicais, já gravadas e bastante conhecidas do público, tais como: 'Construção', 'Jorge Maravilha', 'Minha história', 'Bom conselho', 'Deus lhe pague', 'Caçada', à exceção de 'Milagre', ainda não gravada. Todas foram aplaudidas pelo

público presente".

E continua: "A respeito da composição musical 'Milagre', Chico Buarque fez os seguintes comentários, antes de cantá-la: 'O compositor desta música já fez mais de 200 composições, todas as as 200 censuradas (também desta vez houve risadas por parte da platéia), mas parece que agora ela vai sair em meu próximo LP, em outubro'. A música 'Milagre' tem um estribilho que diz: 'É o milagre brasileiro/ quanto mais trabalho/ menos vejo o meu dinheiro'". A canção foi gravada em 1975 e é de autoria de Julinho da Adelaide, um dos codinomes de Chico para driblar a Censura Federal. Mas aí é outra história. •

# DEZ LIVROS PARA SE PREPARAR PARA 2022



Ainda dá tempo de escolher uma obra literária para descansar do segundo duro ano da pandemia e chegar a o Novo Ano mais afiado para seguir na luta contra o atraso e o fascismo

Por Bia Abramo

Um livro deve ser como um machado para o mar congelado dentro de nós." Esse trecho de carta de Franz Kafka (1883-1924) ao amigo de infância e filólogo Oskar Pollak (1883-1915) expressa a força que pode conter um objeto constituído de papel e tinta de impressão. Kafka escreveu muito, publicou pouco em vida e seus romances mais ambiciosos, como "O Processo" e "O Castelo", só foram publicados depois de sua morte, por-

que o também escritor e amigo Max Brod não seguiu as instruções de queimar todos os seus manuscritos. Nunca soube, portanto, que seria considerado um dos maiores escritores do século 20 e nem que teria um adjetivo, kafkiano, cunhado a partir de seu nome para designar situações angustiantes, sem saída.

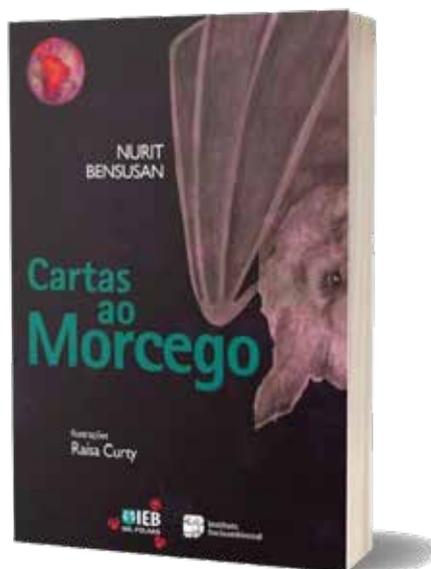
No entanto, o trecho ali em cima sugere justamente o oposto, a possibilidade de a leitura abrir portas e apontar caminhos. Apesar dos contínuos ataques à cultura, 2021 não foi um ano ruim no que diz respeito aos lançamentos de obras de escrito-

ras e escritores brasileiros. Ainda dá tempo de correr para ler (ou encomendar) um bom livro em 2021. A lista abaixo não tem a menor pretensão de ser uma lista de melhores livros do ano. Procurou-se apenas selecionar livros de diversas áreas de interesse, tanto de ficção como de não-ficção, que estejam em catálogo. Outro critério essencial foi procurar refletir alguma bibliodiversidade, trazendo temas, autores e editoras que, de alguma forma, reflitam algo da variedade de vozes e possibilidades estilísticas da literatura brasileira contemporânea.



**“Gente Rica: Cenas da Vida Paulista”, José Agudo (Editora Chão)**

José Agudo, pseudônimo do comerciante e fundador da Escola de Comércio Álvares Penteado, escreveu crônica e romance sobre os anos 1920 em São Paulo, período classificado pelos historiadores como a “belle époque”. Na segunda década do século 20, a até então provinciana capital do Estado de São Paulo crescia vertiginosamente pela industrialização, enfrentava uma profunda revolução demográfica com a chegada de novas levas de imigração e queria, pela força do dinheiro, se livrar rapidamente do passado colonial e escravista. Com olhar de cronista e flâneur, José Agudo faz dos encontros de dois personagens que circulam pelo então centro financeiro da cidade, o triângulo formado pelas ruas Direita, 15 de Novembro e Boa Vista uma crônica mordaz dos costumes da elite da São Paulo de então, sempre procurando uma maneira de enriquecer mais e trabalhar menos. O posfácio metuciloso, da crítica Walnice Nogueira Galvão, discorre sobre esse período da vida literária brasileira e, ainda, revela detalhes biográficos sobre o autor que chegou a ser uma espécie de best seller, à época, e depois caiu no esquecimento.



**“Cartas ao Morcego”, Nurit Besunsan (IEB Mil Folhas, Instituto Socioambiental)**

O livro da bióloga e engenheira ambiental Nurit Besunsan é uma surpresa desde a capa. Em dez cartas, dirigidas ao “morcego”, único mamífero que voa, Nurit transita com facilidade entre a biologia, a antropologia e a história para compor uma espécie de pedido de desculpas em nome do Homo Sapiens (os seres humanos em notação científica) pela bagunça que estamos fazendo no planeta que habitamos e do qual nos achamos donos e senhores. Com muita informação das áreas que domina (além das duas graduações, a escritora tem pós-graduação em história, sociologia e doutorado em educação), mas em tom didático, entremeado por ilustrações de Raísa Cury, Cartas ao Morcego faz a estréia de Nurit Besunsan na divulgação científica em grande estilo.

**“Anos de Chumbo e Outros Contos”, Chico Buarque (Companhia das Letras)**

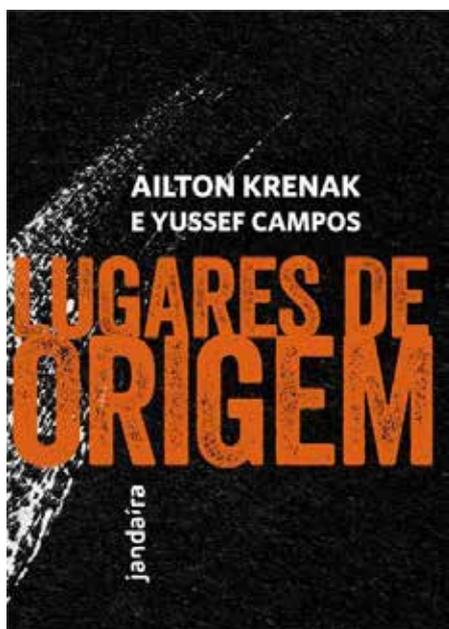
Em oito contos, Chico Buarque radiografa a longuíssima quarta-feira de cinzas na qual o país está mergulhado pelo menos desde o final de 2018. Com humor e lirismo, Chico mostra

uma desenvoltura surpreendente no conto, forma que tem, no Brasil, um acento particular e uma galeria de gênios, como Machado de Assis (1939-1908), Lima Barreto (1881-1922), Rubem Fonseca (1925-2029), este último amigo pessoal e referência explícita em pelo menos duas das histórias, “Meu Tio” e “Os Primos de Campos” (não à toa, os que tematizam a violência urbana). Ao contrário do que sugere o título, apenas o conto que encerra o volume refere-se ao período da ditadura militar. De resto, a diversidade de personagens e histórias mostra que, quando Chico decidiu se dedicar à literatura 40 anos atrás com “Estorvo”, ele mais acertou do que errou.



**“Lugares de Origem”, Yussef Campos e Ailton Krenak (Editora Jandaíra)**

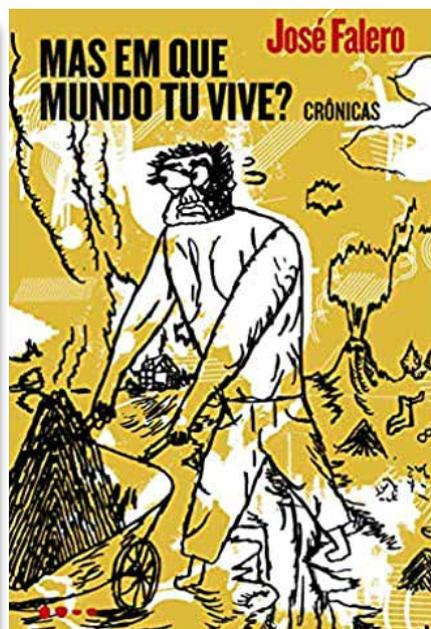
Depois de três livros de sua autoria “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019), “O amanhã não está à venda” (2020) e “A Vida Não é Útil” (2020), o ambientalista e filósofo Ailton Krenak uniu-se ao historiador Yussef Campos para apresentar esse volume. São três partes que trazem uma série de reflexões sobre a natureza e modo de estar



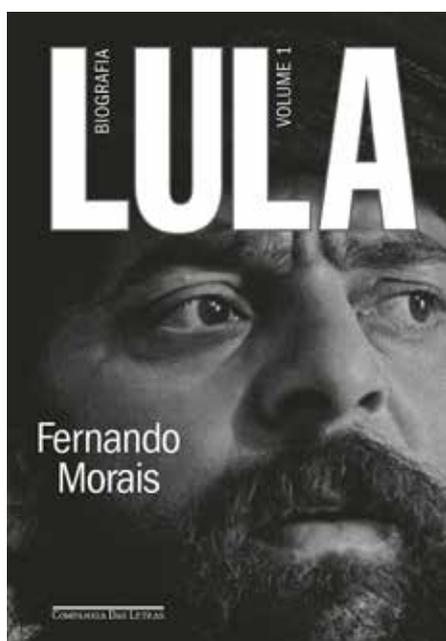
no planeta Terra, mas do ponto de vista das culturas não-hegemônicas e o que isso significa em termos de violência simbólica. Dividido em três partes, começa com uma entrevista em profundidade realizada com Krenak por Campos em 2013, prossegue com a transcrição da fala do líder indígena depois da tragédia da Samarco em Mariana e encerra com um ensaio de Campos. A discussão que Campos retoma, no diálogo inicial e no ensaio final, foram as sobre as definições de patrimônio cultural durante o processo constituinte de 1988. Leitura urgente, diante do destruição que estamos testemunhando.

### **“Mas em que mundo tu vive?”, José Falero (Todavia)**

Escritor jovem, criado na periferia de Porto Alegre, José Falero surpreendeu 2020 com seu primeiro romance, “Os Supridores”, narrativa nervosa sobre dois trabalhadores de um supermercado em Porto Alegre que, como o autor, são negros numa cidade que custa a se reconhecer negra e racista. A coletânea de crônicas “Mas Em que Mundo Tu Vive?”, publicadas originalmente na revista eletrônica Parêntese, revela um Falero ainda indignado, mas também na



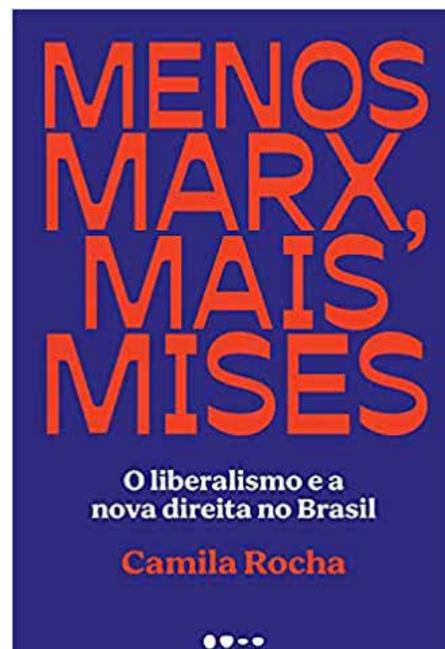
procura do aprimoramento estético e da exploração de novas possibilidades de linguagens. Junto com outra revelação vinda do Rio Grande do Sul, Jeferson Tenório, autor de um dos melhores romances brasileiros de 2020, “O Averso da Pele”, Falero vem se firmando como uma voz original da literatura brasileira contemporânea.



### **“Lula – Biografia Volume 1”, Fernando Morais (Companhia das Letras)**

A aguardada biografia do jornalista e escritor Fernando Morais vale a espera. Com pesquisa minuciosa e ritmo cine-

matográfico, eletrizante, Morais surpreende pela técnica cada vez mais apurada na difícil tarefa de contar a vida de uma pessoa pública - ainda por cima quando se trata, apenas, de Luiz Inácio Lula da Silva. O grande achado neste caso é o fato de Morais enfrentar, logo de cara, as histórias que cercam a criminalização da qual Lula é objeto, ou seja, suas duas prisões, em 1980 como líder sindical metalúrgico e em 2018, depois de ter presidente da República por dois mandatos (2003-2010). Livro-reportagem de enorme fôlego, com projeto gráfico de Hélio de Almeida à altura, Fernando Morais ainda adicionou um apêndice em que faz análise de mídia sobre a perseguição promovida pela imprensa corporativa a Lula e ao PT.



### **“Menos Marx, Mais Mises - O liberalismo e a nova direita no Brasil”, Camila Rocha (Todavia)**

A pesquisa que a cientista política Camila Rocha apresentou como tese de doutorado em 2019 e deu origem a esse livro investigou como surgiu e tornou-se protagonista do embate político a chamada nova direita no Brasil. A autora concentra-se

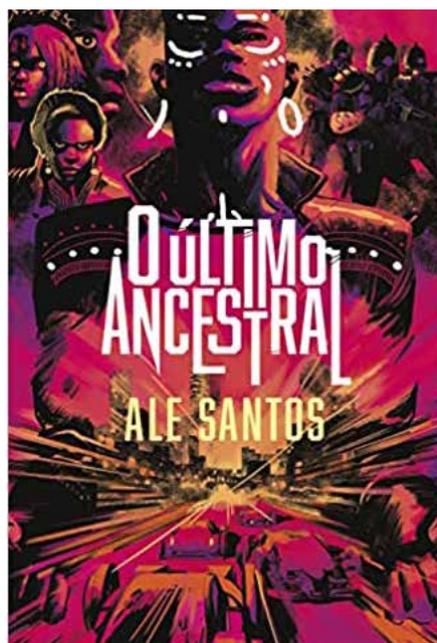
nos grupos ultraliberais, com cujos principais líderes realizou entrevistas e na reconstituição histórica da atuação da direita no espaço público brasileiro. Dos grupos de olavistas escondidos no anonimato da internet, nos blogs e nas caixas de comentários de colunistas reacionários dos grandes portais desde 2006 aos grupos de estudos em departamentos de economia, a neodireita tomou o centro do debate público em menos de dez anos, quando conseguiu fazer uma enorme frente para eleger Jair Bolsonaro. A análise de Rocha interessa a todos que querem, ou precisam, entender quem é o adversário.



### **“Nossa Correspondente Informa - Notícias da Ditadura Militar Brasileira na BBC de Londres”, Jan Rocha (Alameda Editorial)**

Nascida na Inglaterra, a jornalista Jan Rocha veio ao Brasil pela primeira vez em 1969, onde acabou se radicando e vive até hoje. Entre 1973 e 1985, como correspondente da BBC de Londres no Brasil, escrevia notícias e notas breves sobre o que acontecia no Brasil, que iam ao ar em inglês e, posteriormente, eram traduzidas para a versão brasileira da rádio

britânica. Ela teve o cuidado de gravar e preservar as fitas-cassete que deram origem a esse livro. Os relatos curtos, desapaixonados, do jornalismo de rádio conseguem compor um painel do que se passava no Brasil dos governos militares, de Emílio Garrastazu Médici às José Sarney, já na reabertura lenta e gradual e ainda longe das eleições diretas para presidente, que só se dariam em 1989.



### **O último ancestral: Uma distopia brasileira (Harper Collins)**

Temos ficção científica afro-futurista? Temos. O escritor Ale Santos exibe um daqueles currículos ultramodernos: é comunicador digital, podcaster e consultor em gamificação. Aos 35, já foi finalista do prêmio Jabut 2020 pelo livro “Rastros de resistência: Histórias de luta e liberdade do povo negro”, coletânea de histórias sobre líderes quilombolas e outros heroínas e heróis do longo processo de resistência à escravidão. Em “O Último Ancestral”, ele entra no terreno do Afrofuturismo, gênero que combina elementos da ficção científica, da fantasia e da ancestralidade africana para criar narrativas de protagonismo negro (o filme “Pante-

ra Negra”, de 2018, recriação de um herói da Marvel com elenco exclusivamente negro é dos exemplos mais bem sucedidos dessa tendência no entretenimento), numa narrativa urbana & tensa.



### **A Libertação de Laura, Helena Zelic (Edições Macondo)**

O caminho tortuoso do fazer poético levou Helena Zelic, uma mulher paulistana de 26 anos, a procurar as origens de uma canção entreouvida em árabe e a se entender com suas memórias sobre a avó de origem libanesa Salua. Os amores reprimidos de muitas mulheres, os choques com o novo país (e, portanto, uma nova língua e novas músicas) e a observação arguta da poeta constituem a matéria prima do conjunto vigoroso de poemas de “A Libertação de Laura”. Em torno desses caminhos do afeto e das histórias familiares, Helena constrói uma investigação sobre suas origens migrantes e, por extensão, sobre trama de sua própria linguagem poética. Zelic é autora outro livro de poemas, “Durante um Terremoto” (2019) e das plaquetes, espécie de livros em formato menor e parcialmente montados de forma artesanal, “3.255km” e “Caixa Preta”.•



## O BRASIL PERDE SÉRGIO RUBENS

Morre o líder comunista, dirigente histórico do MR-8 e vice-presidente do PCdoB. Lula lamenta a passagem do veterano militante político: “Teve papel importante na luta contra a ditadura”

**M**orreu no último domingo, 5, o cineasta e dirigente comunista Sérgio Rubens de Araújo Torres, vice-presidente do Partido Comunista do Brasil e líder histórico do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Ele dedicou sua vida à luta em defesa da democracia, da soberania nacional e dos direitos do povo. Sérgio iniciou sua militância ainda jovem, no movimento estudantil, e destacou-se na resistência à ditadura, organizando as mobilizações que eclodiram em 1968.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva lamentou a morte do dirigente partidário e militante político, lembrando de sua atuação firme na resistência à ditadura. “Recebi com triste-

za a notícia da morte de Sérgio Rubens. No MR8, teve papel importante na luta contra a ditadura militar, passando 10 anos na clandestinidade”, disse. “Na democracia, que ajudou a conquistar, foi dirigente do PPL e vice-presidente do PCdoB. Meus sentimentos aos familiares”.

Sérgio Rubens também foi cineasta. Teve dois curtas-metragens premiados no Festival JB, então o evento mais importante do cinema amador no Brasil, ainda na década de 1960. Concebia cinema como uma arte ligada ao povo e a serviço do povo. Por toda a vida, manteve ligação com a cultura nacional e popular, sobretudo na arte cinematográfica.

Nos anos de chumbo do regime militar, após a instituição do infame AI-5, diante do total fechamento do espaço políti-

co, ele foi um dos que optaram pela luta armada como forma de resistência. Sérgio participou da ação que resultou na libertação dos primeiros presos políticos em troca da soltura do então embaixador dos Estados Unidos, Charles Elbrick.

Ainda nos anos 70, tornou-se um dos principais dirigentes do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8), junto com Cláudio Campos, depois do pleno de 1972, no Chile, que resultou na reconstituição da direção da organização política. Já na década de 2010, foi eleito presidente do Partido Pátria Livre (PPL) e liderou o processo de unificação da legenda com o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), do qual se tornou vice-presidente. Ele deixa a companheira Júlia e os filhos Janaína e Bernardo, além de netos. •

Venício A. de Lima

# PAULO FREIRE

A prática da  
liberdade,  
para além da  
alfabetização

O livro está disponível no site  
da Fundação Perseu Abramo  
[fpabramo.org.br](http://fpabramo.org.br)

autêntica



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores



# BRASIL: CINCO ANOS DE GOLPE E DESTRUIÇÃO

SANDRA BRANDÃO | (ORG.)

APRESENTAÇÃO | DILMA ROUSSEFF

PREFÁCIO | ALOIZIO MERCADANTE

O livro está disponível no site  
da Fundação Perseu Abramo  
[fpabramo.org.br](http://fpabramo.org.br)

